



Vozes da São Remo

Diego Bandeira

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E
ARTES**

DIEGO BANDEIRA

Vozes da São Remo

Um livro-reportagem que fala da história da São Remo, de seus moradores e
da relação da comunidade com a Universidade de São Paulo.

São Paulo - SP

2024

Vozes da São Remo

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Comunicação Social, com Habilitação em Jornalismo, apresentado ao Departamento de Jornalismo e Editoração.

Diego Bandeira

Orientação: Prof. Dr. Dennis de Oliveira

São Paulo - SP

2024

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Sumário

1. Introdução.....	8
2. Parte I: A história reduzida é mais ou menos assim	10
2.1 Na muralha em pé	18
2.2 Mais uma “dona Maria” de luto.....	23
2.3 O estranho vizinho da frente	27
2.4 Matar à toa, ir preso à toa, sonhando com uma fita boa...	31
3. Parte II: A união é o que faz a força.....	35
3.1 Para ver a vida do menino, mudar da água para o vinho...	40
3.2 Só quem é de lá, sabe o que acontece...	45
4. Parte III: O mundo é diferente do muro para cá.....	60
4.1 Eu, meu Deus e o meu orixá	62
4.2 Eu sigo um movimento que pra mim é natural, de resistência cultural	69
4.3 Favela pede paz, lazer, cultura.....	77
4.4 Hip hop é estilo, é mente, é alma, o hip hop salva.....	82
4.5 Homem na estrada.....	92
4.6 Você é do tamanho do seu sonho.....	101
4.7 Alternativa pra criança aprender, basta quem ensina.....	110
4.8 Você é o político que vai nos ajudar?.....	116
5. Um bom lugar se constrói com humildade.....	126
6. Referências.....	128

Introdução

Uma das principais teorias da comunicação foi proposta por Roman Jakobson (1896–1982). De acordo com o linguista, para que a comunicação possa ocorrer, é preciso que um emissor envie uma mensagem a um receptor, dentro de um contexto e através de um determinado tipo de código e canal. Mas, o objetivo deste trabalho não é ser teórico, muito pelo contrário, é ser o mais prático e factual possível. Ou seja, simplificando de modo reduzido a teoria de Jakobson, para que a comunicação aconteça de fato, é necessário que alguém emita uma mensagem, mas também é imperativo que alguém esteja do outro lado, disposto a receber a mensagem emitida – caso contrário, a cadeia será quebrada e o conteúdo será perdido.

Desse modo, cabe a reflexão sobre quantas milhares de pessoas passam todos os dias pela Cidade Universitária Armando Salles de Oliveira, que sedia o nobre campus da Universidade de São Paulo, sem saber o que acontece do outro lado do muro que acompanha a Avenida Professor Ernesto de Moraes Leme, entre o Hospital Universitário e a Prefeitura do Campus do Butantã, região que abriga outras milhares de pessoas, mas em realidade completamente distinta.

Assim como sugere o título deste livro – que faz referência ao livro *Vozes De Tchernobil*, de Svetlana Alexievich –, o objetivo aqui é dar voz aos moradores da favela da São Remo, região paradoxalmente tão

próxima e, ao mesmo tempo, tão distante da Universidade de São Paulo, trazendo suas histórias de vida, pontos de vista e reivindicações sobre temas diversos.

Para isso, antes será preciso contar também a história da própria comunidade – que, em síntese, se mistura com a história da USP –, e também da relação entre estes dois ecossistemas tão complexos e tão distintos, para que seja possível conhecer um pouco mais a fundo o Jardim São Remo, *o palco da história que por mim será contada*¹.

Ao longo deste livro, também serão usados trechos de músicas de hip hop, gênero que se mistura com as periferias brasileiras e tem como eixo central de suas letras muitos dos temas que aqui serão abordados.

¹ Trecho da música “O Homem na Estrada”, do grupo Racionais MC’s.

Parte I

A história reduzida é mais ou menos assim¹

O processo de formação da favela São Remo se relaciona intrinsecamente com a história do bairro do Butantã e, principalmente, da Universidade de São Paulo. Então, voltemos quase 100 anos no tempo para entender precisamente onde e como essa narrativa teve início.

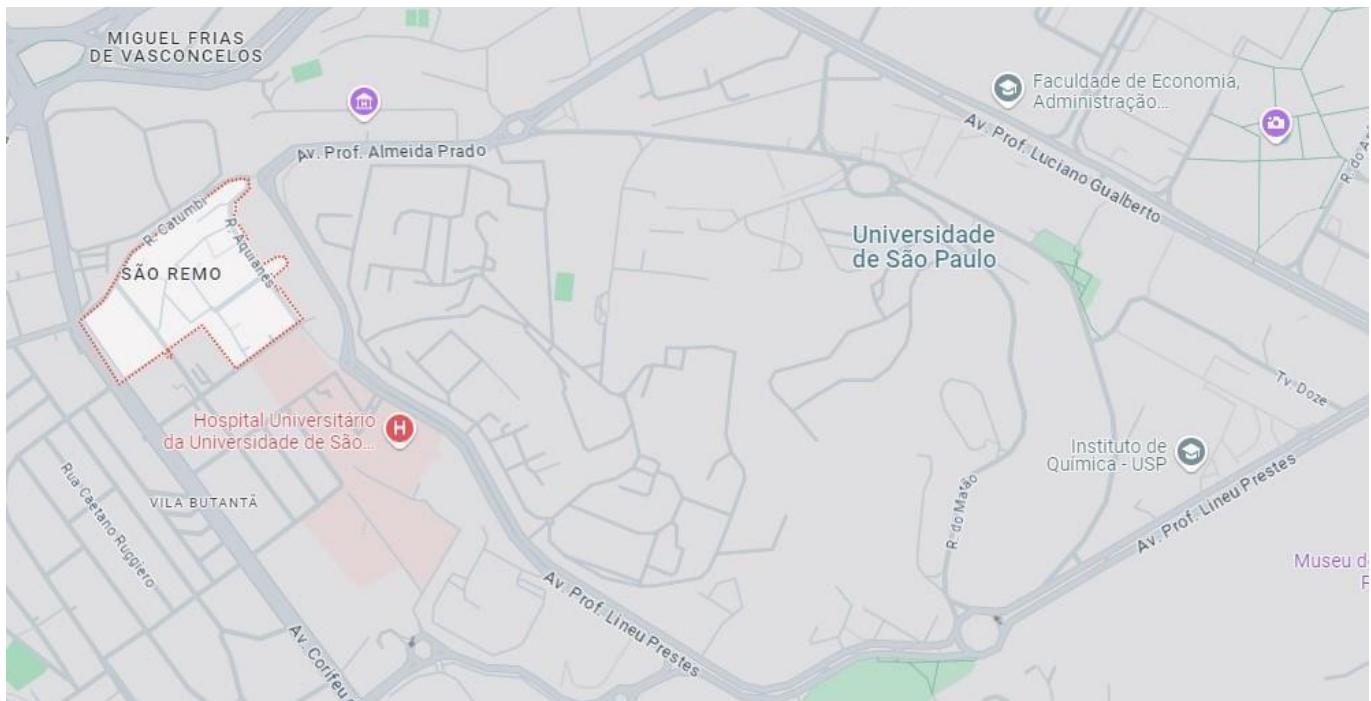
A USP foi oficialmente fundada em 1934, em decreto assinado pelo então governador do Estado de São Paulo, Armando Salles de Oliveira, personalidade que hoje dá nome à Cidade Universitária.

Alguns anos mais tarde, em 1940, começa, ainda em ritmo lento, a transferência de alguns departamentos já existentes na época para o bairro do Butantã. Mas foi apenas em 1960 que houve maior investimento na infraestrutura da Universidade, com a instituição do Fundo para Construção da Cidade Universitária, viabilizando maior agilidade nas decisões e iniciando uma das principais fases da construção do novo campus.

E, é a partir daí, com a nova oferta de trabalho, que um número considerável de imigrantes, em sua maioria nordestinos, começa a vir para São Paulo para a construção dos novos prédios e escolas que se aglomeravam no novo campus em formação.

Em suma, estes trabalhadores, com salários que não permitiam grandes luxos ou extravagâncias, passaram a se alojar nos arredores da Universidade e, com o crescimento do novo campus, a região conhecida hoje como São Remo também começava a se expandir.

1 Trecho da música “1967”, de Marcelo D2.



São Remo e a Universidade de São Paulo. Reprodução: Google Maps

Ao longo dos anos, a relação de trabalho entre USP e São Remo seguiu em processo de consolidação. Em 1979, Eva Alterman Blay e Heloisa Helena de Souza Martins publicaram um estudo intitulado “A favelização dos funcionários da USP”, após pesquisa realizada neste mesmo ano ao longo de uma greve de funcionários e professores da Universidade, tendo como principal demanda a garantia de melhores salários.

Verificou-se que, naquela época, a São Remo contava com cerca de 2.200 moradores, dos quais 19% mantinham algum tipo de vínculo de trabalho no campus, sendo 6% com vínculo direto e 13% indireto, com atuação em institutos situados na cidade universitária, bem como em empresas terceirizadas que prestavam algum tipo de serviço no campus.

Ainda de acordo com Blay e Martins, os moradores da região que trabalhavam na USP na época ocupavam cargos em serviços de copa, limpeza, vigilância, carpintaria, almoxarifes ou como serventes e chapeiros. Mas, diante da pergunta do motivo pelo qual moravam em uma favela, os entrevistados mostravam consciência de que seus salários eram muito baixos, com frases como “aqui ainda é perto”,

“moro aqui porque não tenho condições” e “não dá nem para comer, quanto mais para pagar aluguel”, entre as respostas registradas, com 74% dos moradores afirmando que o motivo de morarem na favela era a “opressão salarial”.

Desde o início, portanto, o processo de formação da comunidade se deu pela demanda de mão de obra para a construção das primeiras unidades da Cidade Universitária Armando Salles de Oliveira, relação que se mantém até os dias atuais, em que moradores da São Remo seguem atuando nas dependências da USP – mas, agora, a partir da demanda por profissionais para postos de trabalho em serviços gerais, favorecidos pela proximidade geográfica entre universidade e comunidade.

Também no ano de 1979, ano em que o estudo de Blay e Martins foi publicado, a favela já era numerosa e articulada o suficiente para reivindicar melhores condições de moradia. Assim, depois de manifestações, protestos e muita luta por parte dos primeiros sãorremanos que habitavam a região – representados pelo Movimento das Favelas Unidas do Butantã –, chegam à São Remo os serviços públicos de luz, água e saneamento básico.

Já na década de 1980, tem início um movimento de valorização de diversas favelas na cidade de São Paulo², no qual a São Remo também se destaca com as largas ruas dos antigos loteamentos da Vila Butantã, como a Avenida São Remo e as ruas Aquianés e Cipotânea.

Neste período, então, houve registro do crescimento da comunidade tanto horizontal quanto verticalmente – com a construção de sobrados, subdivisões das casas e o início da transformação das edificações de madeira, material que até então constituía boa parte dos barracos existentes –, bem como o surgimento de novas ruas nomeadas

² Reportagem da Folha de S. Paulo, de 30 de janeiro de 1983, “Especulação eleva preços de barracos a até Cr\$ 1 milhão”.

pelos próprios moradores, como as Vielas do Leite e do Café e a Travessa Presidente Carlos Viotti – esta em homenagem a um dos primeiros presidentes da associação comunitária³.

Por conta do processo registrado, o valor imobiliário do terreno, em 1988, já era estimado em cerca de nove milhões de dólares, na época, segundo o trabalho “Estudo de caso: a Favela da USP”, de Marta Maria Soban Tanaka. A autora também mostrava que, ao final da década de 1980, já eram contabilizadas 5.108 pessoas e 1.115 famílias na São Remo. Assim, é possível observar que, entre o final da década de 1970 e final da década de 1980, houve um crescimento em mais de 100% da população da comunidade, motivado também pelas melhorias na qualidade de vida que lá eram conquistadas.

“No início da década de 1980 o líder da favela chegou a ser recebido pelo então Presidente da República, João Batista Figueiredo, que se sobrepondo à legislação existente, garantiu que a terra seria repassada aos moradores”, o que teria sido suficiente para que houvesse um “inchamento” da São Remo, segundo o estudo de Tanaka.

Algumas páginas mais à frente, entraremos na década de 1990, período em que os conflitos entre a Universidade de São Paulo e os sãorremanos ficam mais evidentes e ganham contornos mais preocupantes. Antes disso, contudo, a USP era utilizada como uma grande área de lazer aos finais de semana, não apenas por moradores e crianças da São Remo, mas também de outras comunidades e regiões da cidade de São Paulo.

No entanto, mesmo nessa época, estudos já indicavam que uma disputa por território entre a universidade e a comunidade vinha se arrastando há alguns anos.

³ Informação retirada do Censo Avizinha USP, de 2019.

Nos anos 80, a Universidade de São Paulo reforça um processo que já vinha sendo adotado anteriormente, na tentativa de recuperar territórios pertencentes à cidade universitária, mas que estavam sendo ocupados por moradores que se estabeleceram ao redor do campus – algo que se estende para além da São Remo.

Para isso, teve início o Projeto Sudoeste, em que, para compensar o impacto que a política de recuperação de territórios teria sobre os moradores das regiões periféricas à universidade, diversos núcleos da USP atuaram na concessão de apoio às famílias removidas, para que a expansão do campus pudesse ser facilitada.

José Goldemberg, Reitor da USP entre 1986 e 1990, afirmou na época que a política em questão tinha como objetivo preservar o “patrimônio da Universidade” e que todos os territórios da área eram destinados a abrigar “a Universidade de São Paulo e as suas expansões”, ressaltando que permitir o desenvolvimento de favelas na região era nada menos que um “desserviço à educação superior no estado de São Paulo”.

“Em primeiro lugar, é a preservação do patrimônio da Universidade. Essa área aqui, da antiga Fazenda Butantã, é destinada a abrigar a Universidade de São Paulo e as suas expansões [...] Desvirtuar essa finalidade, permitindo que favelas se desenvolvam em torno da Universidade, é um desserviço à educação superior no estado de São Paulo. A Universidade de São Paulo vai crescer e precisa preservar essa área para este crescimento”, disse Goldemberg ao documentário produzido pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (FAU/USP), junto do Laboratório de Recursos Audiovisuais, intitulado Projeto Sudoeste da USP, que pode ser encontrado no canal do YouTube da FAU.

Assim, ao mesmo tempo em que a USP se utilizava da mão de obra barata constituída dos moradores da região, defendia que aquelas pessoas deveriam ser retiradas de lá por conta da expansão do campus. A Universidade, portanto, que representava uma fonte de trabalho aos

moradores, ainda que com uma oferta de salários baixos, também se mostrava como uma ameaça à população, enquanto reivindicava a recuperação dos territórios que vinham sendo utilizados para fins de moradia.

Mesmo com este ponto de estresse, a relação entre a USP e a São Remo talvez vivesse sua melhor fase. Não é difícil encontrar moradores da comunidade que se lembrem saudosistas desta fase, quando muitas crianças frequentavam o campus aos finais de semana para brincar, praticar esportes e assistir a eventos – como o Bem Brasil, programa fruto de uma parceria entre a Pró-reitoria de Cultura e Extensão e a TV Cultura, que contava com shows realizados aos domingos de manhã, no anfiteatro da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

– Antes tinha programação do Bem Brasil aqui na USP, era aberto como se fosse o Ibirapuera. Ficava lotado –, lembra Robson Souza Dutra, morador da São Remo, que passou parte da sua infância brincando no campus do Butantã, assim como muitos outros jovens da cidade de São Paulo.

Nessa época, também nascia e se consolidava um outro elemento que criava elos entre as duas comunidades, a universitária e a sãorremana: o Hospital Universitário (HU).

A decisão de executar o projeto do novo hospital de ensino foi tomada em 1969, mas a inauguração do HU foi concluída apenas em 1981, com atendimentos em pediatria, ginecologia e obstetrícia, com o primeiro parto sendo registrado em 31 de dezembro daquele mesmo ano⁴.

Neste período, muitas mães sãorremanas deram à luz a seus bebês no Hospital Universitário, tendo o acompanhamento da gravidez e o

⁴ Informações retiradas do site do Hospital Universitário: <https://www.hu.usp.br/historia>

parto de seus filhos realizados no HU, algo que geralmente é relatado como motivo de orgulho pelos moradores da comunidade.

Mas a utilização do HU pela São Remo não se dava apenas com a obstetrícia. Em 1985 foram inauguradas no hospital a Clínica Médica e a Clínica Cirúrgica e, durante um bom tempo, os sãorremanos recorriam ao HU em casos de emergências ou problemas de saúde variados.

Além de sua função mais óbvia ligada ao ensino, o Hospital Universitário também tem um papel assistencial à população da Zona Oeste intrínseco a sua fundação, e isso era algo que de fato acabava contribuindo para aproximar ainda mais a USP e a São Remo.

No entanto, como também veremos mais à frente, este é outro ponto que mudou bastante – e para pior – ao longo dos anos. Mas, antes, sigamos com a história em sua ordem cronológica.

Na muralha em pé¹

Entrando na década de 1990, 75% das moradias da São Remo já contavam com energia elétrica regular, enquanto apenas 25% ainda obtinham energia por meio de ligações irregulares e improvisadas, segundo o estudo de Tanaka.

Ainda de acordo com a autora, a maioria das casas, que também já recebia abastecimento de água, tinha como maior deficiência nessa época a rede de esgoto, que atendia apenas uma parte da favela, com um grande número de domicílios que acabavam por utilizar fossa sépticas ou negras – onde o esgoto é lançado em canaletas cobertas ou descobertas nas ruas da comunidade.

Nessa mesma época, Tanaka afirma que já era observada uma elevada presença de economia informal na comunidade, com uma unidade de comércio para cada dez moradias – comércio este que girava entre bares, mercadinhos, manicure, cabeleireiro, oficinas de sapateiros, bolerias, casas que vendiam doces e salgados, borracharias, oficinas mecânicas, serviços de lavadeira, passadeira, pessoas que tomavam conta de crianças, além de igrejas representando diferentes tipos de religião.

Porém, é exatamente neste período que tem início um processo mais contundente de intensificação dos conflitos de vizinhança entre a USP e a São Remo.

Apesar de o campus da universidade ser, até então, um espaço aberto em que pessoas da cidade toda circulavam, como já foi mencionado anteriormente, não tinha a infraestrutura adequada para

¹ Trecho da música “Diário de um detento”, dos Racionais MC’s.

comportar o alto volume de pessoas que por ele passavam, principalmente aos finais de semana.

Com isso, a USP sempre teve que lidar com casos de depredação, furtos ou roubos. O programa Bem Brasil, também já citado em páginas anteriores, era um dos exemplos que rendia grande número de reclamações da comunidade universitária, por danos, poluição, furtos ou outros problemas decorrentes do alto número de pessoas em circulação pela região.

Esse processo, em conjunto com o aumento de casos de violência e roubo no campus, levou o então reitor, Flávio Fava de Moraes (1993 – 1997), a tomar a decisão de murar o campus.

– Houve excessos no passado, shows que acabaram depredando, shows de domingo, onde o dia seguinte ficava impraticável. O campus era totalmente aberto para quem queria entrar, mas, no dia seguinte, não dava para começar as aulas, porque não temos uma infraestrutura de higiene fora das faculdades –, lembra Jacques Marcovitch, reitor da USP entre 1997 e 2001.

Muitos dos assaltos que lá ocorriam, no entanto, eram atribuídos a pessoas que moravam na São Remo e frequentavam a Universidade, muitas vezes sem provas ou evidências que atrelassem os episódios violentos à população sãorremana. Assim, os moradores da favela também passaram a reclamar constantemente de constrangimentos, preconceito ou violência por parte da guarda universitária.

E, é nesse contexto que a construção do muro que hoje separa a USP e a São Remo, às margens da Avenida Professor Ernesto de Moraes Leme, entre o Hospital Universitário e a Prefeitura do Campus do Butantã, aparece como resposta institucional ao aumento de violência no campus.

– Há inclusive um custo de segurança. Para manter o campus aberto,

você precisa ter a segurança necessária. E toda decisão de gastos é feita em nome do contribuinte. Os recursos da USP são finitos. Deixar as portarias abertas e aumentar a segurança significa fazer concessões, Ou isso ou aquilo, não dá para dizer que tudo é possível, é preciso decidir qual é a disponibilidade do uso dos espaços públicos [...] Então, dizer que o campus deveria ficar aberto o tempo todo, isso implica uma outra estrutura que não seja a de um campus, uma estrutura do tipo do Parque do Ibirapuera e outros –, completa Jacques Marcovitch.

As obras do muro foram concluídas em 1997, período que consolida a separação da Universidade de São Paulo e o Jardim São Remo e funciona como um divisor de águas na relação entre essas duas comunidades, tão próximas geograficamente, mas tão distantes socioeconomicamente.

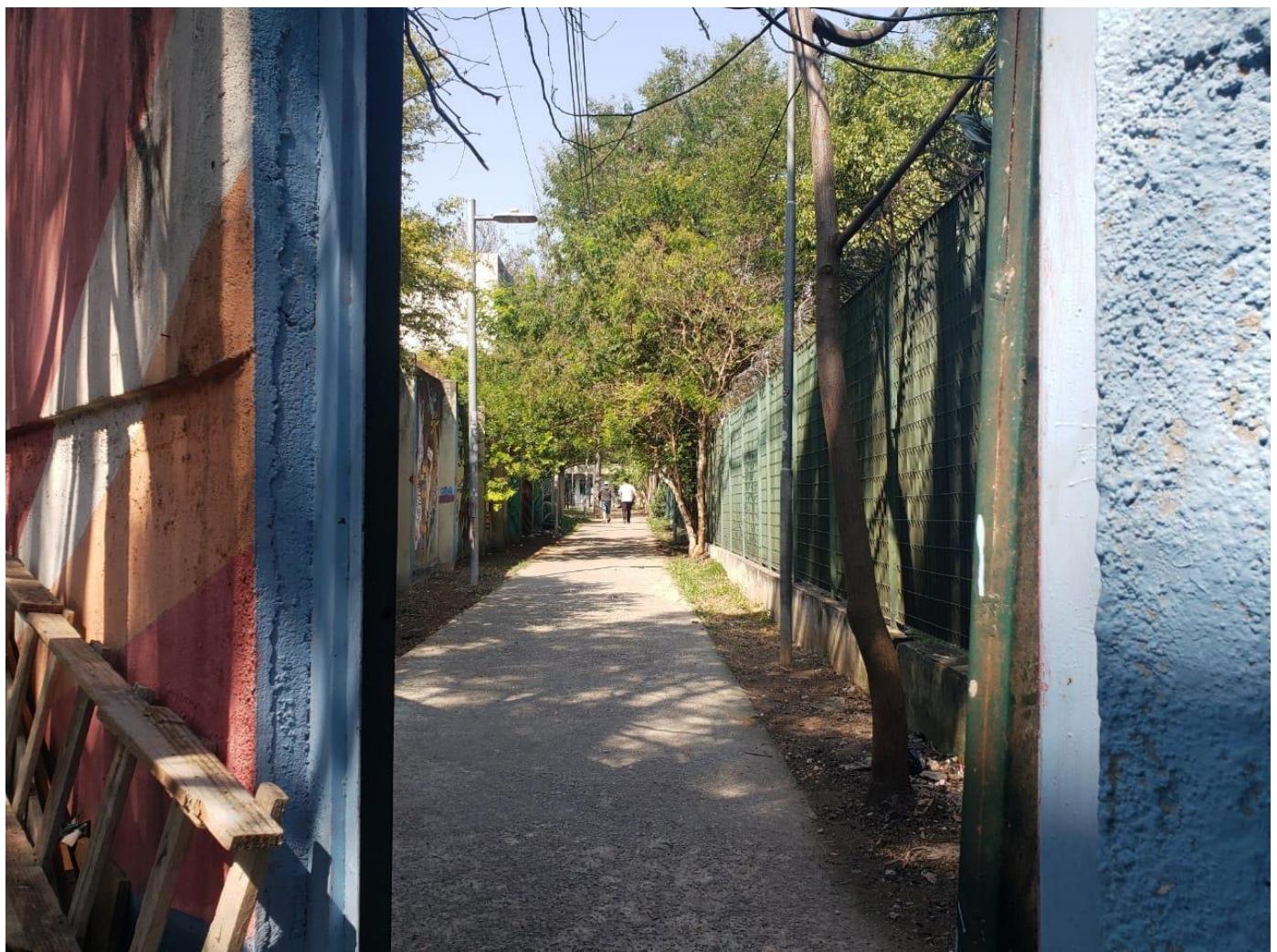
De um lado do muro, aquela nova construção representava a idealização da segurança, através de um discurso que escancarava de forma clara a separação física e socioeconômica dos dois grupos sociais.



Casa da São Remo encoberta pelo muro e algumas árvores do campus. Imagem: Diego Bandeira

Do outro, a muralha materializava cada vez mais a imposição de distanciamento, acentuava a marginalização daquela população perante à comunidade universitária e incentivava um sentimento de não pertencimento por parte dos sãorremanos, cada vez mais desconfortáveis em frequentar um espaço onde aparentemente não eram bem-vindos.

A partir de então, cabe a reflexão de que o muro, a maneira como as obras foram tocadas e o modo como foi recebido pelos moradores da favela, pode ter gerado uma mudança no comportamento de meninos e adolescentes sãorremanos no interior do campus. Talvez o fato de se sentirem rejeitados e segregados dentro deste espaço tenha provocado uma mudança comportamental para além-muro.



Vista de quem sai da São Remo, em direção à primeira portaria de acesso à USP. Imagem: Diego Bandeira.

Dessa forma, também é possível imaginar que a construção desta edificação tenha provocado uma mudança na visão dos próprios alunos, professores ou funcionários da universidade, que, agora, “donos” do campus, poderiam ver com maus olhos a presença de “intrusos” dentro de sua propriedade, o que certamente legitimava quaisquer queixas ou reclamações tendo como alvo pessoas estranhas à comunidade universitária.

Mais uma “dona Maria” de luto¹

É claro que a maioria das crianças e adolescentes da favela que frequentavam a USP tinham boas intenções. Mas também é certo que havia uma minoria que transgredia a ordem, causando algum tipo de confusão, entrando em locais proibidos ou fazendo brincadeiras desrespeitosas com alunos ou professores da universidade, chegando até mesmo a episódios mais sérios, de furtos, roubos ou danos ao patrimônio da universidade.

Com isso, obviamente havia um certo número de conflitos entre jovens da São Remo e a guarda universitária da USP. E foi um desses casos, logo após a conclusão das obras do muro, que ocasionou o estopim na relação das duas comunidades.

No dia 2 de novembro de 1997, no feriado de Finados, Daniel Pereira de Araújo, morador da São Remo – que tinha 15 anos na época –, estava com um grupo de amigos nadando na raia olímpica da USP, algo que em certo momento havia se tornado comum por pessoas de diferentes pontos da cidade de São Paulo, mas que posteriormente foi proibido em virtude de acidentes e afogamentos.

Daniel e seus amigos, quando avistados, foram abordados por seguranças, uma vez que faziam algo que não era permitido. A partir daí, diferentes versões são contadas, mas o fato é que Daniel foi encontrado morto na madrugada do dia 5 de novembro, boiando na raia olímpica.

Entre moradores da São Remo, é praticamente unânime a versão que corre até os dias de hoje, a mesma versão que foi contada na época

¹ Trecho da música “Fórmula mágica da paz”, dos Racionais MC’s.

à Folha de S. Paulo pelos amigos de Daniel que estavam na raia olímpica.

De acordo com os jovens, “dois seguranças em motocicletas chegaram ao local para expulsar as crianças”, seis deles alegaram agressões por parte dos guardas “com galho de árvore” – exames de corpo de delito feitos na ocasião pelo Instituto Médico Legal (IML) confirmaram que, de fato, quatro dos garotos haviam sido agredidos.

Os jovens também relataram que, em meio à confusão, Daniel saiu correndo paralelamente à raia olímpica, “sendo perseguido por um segurança em uma moto”. Foi a última vez que Daniel foi visto.

Com o desaparecimento do garoto, sua família registrou um boletim de ocorrência no dia seguinte, segunda-feira, data em que as buscas pelo garoto começaram, como conta a reportagem da Folha de S. Paulo.

Na tarde de segunda-feira, mergulhadores do Corpo de Bombeiros percorreram os 2.400 metros da raia e mergulharam os pontos mais profundos. Eles não encontraram o corpo de Daniel, mas não descartaram que ele pudesse estar no fundo da raia. Anteontem, equipes especiais das Polícias Civil e Militar percorreram os bosques da USP, também sem sucesso. A última busca feita pela polícia aconteceu ontem no início da madrugada. Após a saída dos policiais, seguranças da USP teriam continuado procurando o corpo, que foi encontrado ao lado de uma bomba de água.²

A família de Daniel, desde o início, culpou os seguranças pelo ocorrido, a partir de questionamentos pertinentes que poderiam ser feitos diante das dúvidas que ainda pairavam sobre sua morte.

Mas o laudo da morte do jovem, concluído pelo IML no dia 26 de novembro daquele ano, atesta que ele morreu por asfixia mecânica por afogamento. O laudo diz ainda que não foram encontradas lesões

² Trecho retirado de reportagem da Folha de S. Paulo publicada em novembro de 1997 “Garoto é encontrado morto na USP”.

externas ou internas no corpo.

A mãe do estudante, Lizete Pereira de Araújo, chorou ontem ao saber do resultado do laudo. “Eu não acredito nisso. Meu filho sabia nadar muito bem.” O pai, João Batista Araújo, disse que quer ir até o fim para saber o que aconteceu com seu filho. “Se ele estava sendo perseguido por um segurança e se afogou, por que ele (segurança) não fez nada?”³

Segundo a dissertação de mestrado de Mariana Machado Rocha, intitulada “Quando a favela é Extensão da universidade: O Programa Avizinhar em meio às relações entre a USP e a São Remo”, apesar de o exame de corpo de delito ter comprovado a agressão em quatro dos meninos que estavam com Daniel na raia olímpica, não houve responsabilização penal dos guardas envolvidos, o que gerou uma grande revolta por parte dos moradores da São Remo.

Diante do exposto, é claro que o episódio também geraria consequências. Sãorremanos e moradores de outras favelas da região realizaram uma série de protestos em busca de justiça pela morte de Daniel.

– A gente, para a USP, é muito malvisto por conta de uma morte que teve lá dentro. Até hoje a gente não entende o que aconteceu. Algumas crianças daqui foram nadar na raia olímpica e um dos seguranças pegou e desapareceu com um dos meninos. E essa criança apareceu depois dentro da água. Afogaram ele. Depois disso aconteceram muitas coisas. O pessoal daqui, em protesto, quebrou ônibus, teve ônibus queimado, muitas coisas da USP foram depredadas, os portões de acesso até ficaram fechados –, lembra Adriano Monteiro de Oliveira, morador da São Remo.

Carlos Dumangue, que também é morador e uma das lideranças da comunidade, conhecia Daniel e, inclusive, havia passado pela raia

³ Trecho retirado de reportagem da Folha de S. Paulo publicada em novembro de 1997 “Laudo diz que estudante morreu afogado”.

olímpica da USP momentos antes do incidente acontecer.

– Fomos mais cedo para a raia, mas viemos embora. A gente já estava na São Remo quando vieram uns ‘moleques’ que estavam nadando na raia, falaram que os guardas chegaram e tiveram que fugir –, conta Carlos.

– Quando a gente chegou na raia, cheio de polícia, a gente não sabia o que fazer. Aí saímos de lá. Depois a gente fica sabendo que mataram o Daniel, que era amigo nosso. Aí a São Remo ‘virou’, né. Foram queimar ônibus na rua, teve protesto. Aí já viu. Foi triste. A gente sempre ia na raia, nesse dia não sei o que aconteceu, se o policial bateu nele e ele caiu dentro da água e desmaiou. Não sei.

O estranho vizinho da frente¹

A partir desses conflitos, a USP, tanto institucionalmente quanto individualmente, em escolas específicas, começa a desenvolver trabalhos de pesquisa e extensão tendo como objetivo melhorar a relação com seus vizinhos periféricos, o que obviamente inclui a São Remo.

É nesse contexto que surge o Avizinhar, programa pioneiro idealizado pela extinta Coordenadoria Executiva de Cooperação Universitária e de Atividades Especiais (CECAE) e implementado no mandato de Jacques Marcovitch à frente da reitoria da USP, iniciado no final de 1997 (1997 - 2001).

– A construção do muro foi finalizada em 1997, tinha começado no ano anterior, isso por causa dos conflitos e dos acidentes que estavam acontecendo [...] Havia ainda algumas brechas, foi assim que aconteceu aquela tragédia da morte do jovem Daniel. A morte do Daniel acontece ainda na gestão anterior e, a partir da nossa posse, da nossa gestão, que é iniciado o projeto Avizinhar, também como forma de evitar que essas coisas se repetissem”, lembra Jacques Marcovitch.

Em 1998, a universidade convida dois profissionais com experiência como educadores de rua para trabalhar com as crianças da região, o que acaba funcionando como ponto de partida para a primeira ação do Avizinhar. O objetivo desta etapa era elaborar um diagnóstico para determinar quantas crianças da favela frequentavam o campus, com qual objetivo, com que assiduidade e como se dava essa circulação.

Do outro lado, também pretendia determinar como a comunidade

¹ Trecho da música “O estranho vizinho da frente”, de Black Alien.

universitária enxergava a presença de tais jovens no espaço, incluindo alunos, professores e funcionários, mas também a guarda que fazia as rondas no campus e os vigias dos prédios.

– Quisemos dar uma resposta construtiva, entender que havia uma complementaridade entre duas comunidades que são bem próximas, geograficamente, que precisavam viver juntas, daí a importância onde as duas comunidades aprendem, uma da outra. Não é por acaso o nome do projeto. Mas não era um projeto apenas de intenções, era de ações, mobilização de recursos e engajamento da juventude, com a preocupação de medir os resultados –, explica o ex-reitor.

O primeiro diagnóstico, concluído em junho daquele ano, mostrava que somente 64 crianças frequentavam o campus, diferentemente do que se acreditava.

De acordo com o relatório, 78% dos jovens em questão tinham idade entre 9 e 14 anos e apenas 22% entre 15 e 18 anos, sendo que a maioria destes estava na faixa etária entre 15 e 16 – somente um deles já chegava aos 18 anos de idade.

“O contraste entre esse primeiro retrato elaborado pelos educadores sobre os meninos no campus e a maneira como alguns grupos de funcionários, estudantes e docentes vinham pintando a mesma cena, achando que os meninos eram todos ‘drogados’, que eram crianças ‘abandonadas’, que eram ‘bandos numerosos’ que ameaçavam a segurança, evidencia um olhar específico que era lançado sobre os meninos por parte expressiva da comunidade USP, um olhar negativo e assustado com a presença do outro. De acordo com as educadoras, o olhar carregado de preconceito e medo era percebido pelos meninos, e o comportamento deles no câmpus levava isso em consideração”, diz Mariana Machado em sua dissertação de mestrado.

O programa então foi crescendo, disponibilizando bolsas para

estudantes dispostos a trabalhar na iniciativa, que contava com três espaços para as atividades na universidade: um com computadores, livros e brinquedos, outro onde eram ministradas aulas de informática e um terceiro onde os educadores recebiam crianças e famílias e faziam reuniões.



Moradores da São Remo em aula de informática do programa Avizinhar. Imagem: Reprodução/PRCEU

Para além das atividades no próprio campus, o Avizinhar também tinha em sua grade de atividades ações na própria São Remo, para acompanhamento dos jovens, encaminhamento para vagas em escolas, projetos sociais ou monitoramento de suas condições de saúde.

À medida que as iniciativas eram tidas como bem-sucedidas, o Avizinhar expandia seu escopo de atividades e passava a contar com ações junto ao Posto de Saúde da comunidade, ao Hospital Universitário ou a outros órgãos públicos e ONGs que atuavam na favela.

– São duas comunidades que deveriam ser complementares. Do lado do Jardim São Remo, temos muitas mulheres, homens, crianças e animais que podem ver na universidade uma relação tanto de geração de emprego e renda quanto de prestação de serviços. A Universidade tem nessa relação a oportunidade de trazer para seus alunos, via professores, uma atividade de extensão que ajuda a entender a realidade do Brasil –, comenta Jacques.

Obviamente, a atuação dos educadores acabou aproximando as famílias e crianças da Universidade de São Paulo mais uma vez, e o programa assim ficou por oito anos, até que, em 2007, encerrou suas atividades, quando a Coordenadoria Executiva de Cooperação Universitária de Atividades Especiais da USP (CECAE-USP) foi extinta².

² Informação retirada do site da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP.

Matar à toa, ir preso à toa, sonhando com uma fita boa¹

Ainda que o Avizinhar tenha criado novas pontes entre a São Remo e a Universidade de São Paulo, essas pontes não foram capazes de acabar com as barreiras entre as duas comunidades, nem as físicas, como o muro, e nem as socioeconômicas ou psicológicas.

Alguns anos mais tarde, um novo e emblemático episódio voltava a tomar proporções alarmantes na relação entre USP e São Remo. Trágico, com nova morte – desta vez de um aluno da universidade –, o acontecimento também gera consequências e desdobramentos com reflexos até os dias de hoje.

Em maio de 2011, o estudante Felipe Ramos de Paiva, de 24 anos, foi morto com um tiro na cabeça após uma frustrada tentativa de roubo nas dependências da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA). Um dos envolvidos no crime, o comerciante Irlan Graciano Santiago, que confessou ter participado do latrocínio contra o estudante, morava na São Remo.

Santiago confessou que na noite de 18 de maio, ele e o outro criminoso fumavam maconha na favela São Remo quando decidiram ir à Cidade Universitária para roubar um carro. ‘Eles escolheram a USP porque lá tem pouca segurança e é escuro’, disse Jeferson Badan, advogado de Santiago.

Ao chegar à USP, a dupla atacou uma motorista num EcoSport prata. Quando notaram que ela tinha uma deficiência física, os criminosos decidiram não levar seu veículo e a obrigaram a dirigir por cerca de uma hora até que eles encontrassem uma nova vítima.

¹ Trecho da música “A vida é desafio”, dos Racionais MC’s.

Eles viram Paiva entrando em seu Passat blindado. A motorista ficou no carro com Santiago enquanto o outro ladrão atacava o estudante. Ao perceber o roubo, Paiva reagiu e deu socos no rosto do criminoso, que atirou. “Ele morreu porque foi para cima do meu parceiro e deu dois socos na cara dele. Ele ia tomar a arma e matar nós dois”, disse Santiago².

Em novembro, Daniel de Paula Celeste Souza, segundo suspeito do assassinato de Felipe de Paiva, também foi preso³. Então, em 2014, os dois foram condenados a 16 anos e 20 anos de prisão em regime fechado, respectivamente⁴ – segundo Irlan, Daniel foi quem efetuou o disparo contra o estudante.

A nova tragédia fez com que novas medidas fossem tomadas. Em primeiro lugar, a determinação foi para que os portões que possibilitam o acesso dos moradores da São Remo ao campus da USP ficassem abertos em horários específicos, determinados pela própria universidade, ficando trancados no restante do tempo.

A medida, obviamente, dificultou ainda mais o acesso dos sãorremanos à cidade universitária, assim como prejudicou os trabalhadores da favela que retornavam tarde para suas casas – muitos dos quais acabavam por utilizar as linhas de ônibus que passavam por dentro do campus para voltar à comunidade.

A presença mais ostensiva da Polícia Militar na universidade também foi aprovada, como forma de tentar evitar casos de roubo, furto e sequestro relâmpago, ou ao menos de intimidar os criminosos que planejavam algo.

² Trecho retirado de reportagem da Folha de S. Paulo de junho de 2011 “Cúmplice da morte de aluno da USP confessa e é solto”.

³ Informação retirada de reportagem do jornal O Globo de novembro de 2011 “Preso segundo suspeito de matar estudante em campus da USP”.

⁴ Informação retirada de reportagem do G1 de fevereiro de 2024 “Condenado por morte de estudante da USP tem pena aumentada em SP”.

O reitor da USP na época, João Grandino Rodas (2009 - 2013), um dos principais defensores da medida, chegou a dizer em entrevista à revista Veja que “toda a universidade se torna responsável pela morte do Felipe” ao colocar a defesa da livre circulação no campus acima das preocupações de segurança.

Não falo em ‘PM no campus’, mas em ‘blitz preventiva’. A USP tem 400.000 metros quadrados. É praticamente um bairro, sem impedimento de circulação. Nossa fronteira é bastante porosa, e sabemos que as pessoas não entram apenas pelos acessos principais.

Só a polícia tem de fato o poder de polícia, de prender, de dissolver um crime antes que ele aconteça. Mas os grupos ativistas, que são pequenos e barulhentos, transformam o campus num lugar favorável a ações criminosas ao serem contra a polícia, em nome de uma ideia de território livre⁵.

Em junho de 2011, poucas semanas após o assassinato de Felipe, a reitoria da USP também criou uma comissão para desenvolver um projeto de urbanização para áreas da universidade ocupadas ilegalmente, o que obviamente incluía a São Remo (Portaria nº 680, de 14/06/2011). Alguns meses mais tarde, em dezembro, foi assinado um protocolo de intenção com as secretarias de Habitação do Estado e do município para o desenvolvimento do projeto.

A iniciativa, no entanto, não foi dialogada com as lideranças da comunidade, o que novamente levou a um temor, por parte dos moradores da São Remo, de serem despejados de suas casas, algo que não era novidade para a população da região.

O novo ponto de conflito fez com que a Associação de Moradores convocasse uma mobilização contra o projeto de reurbanização, o que levou a um protesto, em março de 2012, com adesão de cerca de 200

⁵ Trecho retirado de entrevista publicada pela revista Veja em dezembro de 2016 “Nós todos matamos esse menino”, diz reitor da USP”.

pessoas em frente à reitoria da USP – deste montante, a maioria era composta pelos próprios alunos da universidade⁶.

No final daquele ano, apesar das tentativas de contato com a USP e da manifestação mencionada, os moradores da São Remo seguiam sem maiores esclarecimentos sobre o projeto de reurbanização, que, segundo as informações publicadas pela própria universidade na época, já estava em curso.

Nesta mesma época, a comunidade também foi alvo de uma operação policial, que contou com um contingente de cerca de 100 homens, 60 da Rota e 40 da Polícia Civil, em busca de possíveis suspeitos pelo assassinato de um policial. Entre moradores da São Remo, foram relatadas invasões de casas sem mandato, agressões e ações violentas dos policiais – após a operação, a presença de viaturas na comunidade ainda foi vista constantemente por aproximadamente um mês.

O novo fato, somado às incertezas ligadas ao projeto de reurbanização, acabou por mobilizar novamente os moradores da São Remo. Cerca de 300 pessoas saíram da comunidade e foram à reitoria da USP em protesto aos episódios recentes, incluindo mais uma vez alunos, professores e funcionários da universidade, em solidariedade ao pleito dos sãorremanos.

A partir disso o projeto de reurbanização passa a perder força. Em 2016 a Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU) deu início ao “Diagnóstico Preliminar Sócio Territorial do Assentamento São Remo”. Os resultados do diagnóstico, no entanto, não desencadearam intervenções efetivas.

⁶ Trecho retirado de reportagem publicada pelo G1 em março de 2012 “Estudantes da USP fazem protesto contra reurbanização de favela”.

Parte II:

A união é o que faz a força¹

Apesar da óbvia distância socioeconômica entre USP e São Remo, que existe desde o início dessa convivência, apesar do muro que evidencia ainda mais essa condição e apesar dos diversos episódios que vieram a conturbar essa relação, também existem muitas iniciativas que visam construir pontes entre a comunidade sãorremana e a comunidade universitária.

Para além do programa Avizinhar ou da mobilização de alunos nos protestos realizados pelos moradores em 2012, podemos citar inúmeros exemplos de iniciativas, ações ou projetos de extensão que buscam aproximar os dois ecossistemas.

Em novembro de 2011, cerca de seis meses após a morte de Felipe de Paiva no estacionamento da FEA, cerca de 50 estudantes da USP, em conjunto com moradores da São Remo, resolveram fazer uma intervenção artística no muro que separa as duas comunidades vizinhas para uma reflexão sobre aquela construção e a segregação que acaba acontecendo entre o ambiente acadêmico e a favela. Assim, contando com a presença de grafiteiros convidados, desenharam livremente o que essa separação representava para eles.

Algumas crianças da São Remo também participaram da pintura, ocasião em que tentavam expressar através da arte o modo como enxergavam essa segregação e o sentimento que eles tinham com relação à Universidade de São Paulo, na maioria dos casos tão inassessível para aqueles jovens, ainda que morassem a apenas um muro de distância da melhor universidade da América Latina.

Em conjunto com as crianças, o grafiteiro Felipe Ruído, que estudou na Unesp e na época dava aula de grafite no Rio Pequeno, tentava fazer com que sua arte se completasse com os desenhos das crianças.

¹ Trecho da música “Abram-se os caminhos”, de Edi Rock (ft. Falcão e Alexandre Carlo)

“Estamos chamando atenção para o muro, para a questão de que ele separa a favela do campus. O objetivo é integrar com o pessoal da comunidade e também provocar a mudança, ver o que pode ser feito. A criançada está brincando e ajudando, está rolando uma coisa coletiva com eles”, disse Felipe na época ao Jornal do Campus².



Crianças da São Remo, alunos da USP e grafiteiros convidados pintam o muro que cerca a comunidade.

Imagen: Reprodução/Jornal do Campus

Um dos jovens que estava presente neste dia para a pintura do muro também foi entrevistado pelo Jornal do Campus na matéria citada acima. Sua resposta ilustra bem a percepção que muitos dos moradores da São Remo têm sobre o muro e sobre os integrantes da comunidade uspiana.

² Entrevista publicada no Jornal do Campus em novembro de 2011. “Intervenção artística no muro da São Remo busca chamar atenção para a falta de diálogo entre a USP e a sociedade”.



Desenho de criança atravessando o muro, da São Remo para a USP. Imagem: Diego Bandeira.

A reportagem não informa a idade de Henrique, mas, mesmo criança, ele afirma que o muro “só atrapalha” porque, na USP, “eles pensam que nós somos vândalos” – provavelmente, uma ideia que não saiu de sua cabeça, mas que ele ouviu desde muito cedo de seus pais, familiares ou amigos, e que sempre esteve bem clara em sua visão de mundo.



Parte interna do muro, entre a São Remo e a primeira portaria de acesso à USP. Imagem: Diego Bandeira.

Outra iniciativa, esta bem mais antiga e que perdura até os dias de hoje, é o jornal *Notícias do Jardim São Remo*, criado pelo professor Manuel Carlos Chaparro ainda antes da construção do muro, em 1994. Atualmente, o jornal laboratório é coordenado pelos professores Dennis de Oliveira e Luciano Guimarães e produzido pelos alunos do primeiro ano do curso de Jornalismo da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da USP – projeto que, inclusive, serviu como inspiração e ponto de partida para este trabalho.

Para ver a vida do menino, mudar da água para o vinho¹

Outro projeto que perdura até os dias de hoje, apesar das muitas dificuldades encontradas ao longo dos anos, é o Alavanca, que propõe um acompanhamento pedagógico de crianças e adolescentes da São Remo, com aulas de reforço e ações culturais para complementar o processo educacional desses jovens, como forma de auxiliar na formação do futuro da comunidade.

O projeto nasceu em 2004, através da iniciativa individual de uma aluna alemã, Daniela Mattern, que fazia intercâmbio na FEA na época. Impactada com a precariedade do ensino público para as muitas crianças da comunidade – certamente uma realidade bem diferente da que via na Alemanha –, Daniela consegue captar recursos para dar o pontapé inicial do projeto.

Obviamente que, no início, como qualquer outro projeto embrionário, o Alavanca dependia muito de trabalho voluntário, o que dificulta a realização de um acompanhamento mais próximo das crianças.

Ao retornar para seu país de origem, Daniela deixa o projeto nas mãos da comunidade, com uma reserva financeira suficiente para manutenção das atividades por cerca de dois anos. Com a falta de experiência dos moradores para gestão do projeto e para ações de captação de novos recursos, o Alavanca acaba precisando interromper suas atividades.

¹ Trecho da música “Olha o menino”, de Helião e Negra Li.

Em 2016, a professora Ivete Rodrigues, da Fundação Instituto de Administração (FIA), fundação vinculada ao Departamento de Administração da USP, chega ao Alavanca através de um programa da prefeitura de São Paulo.

Ela, então, se une a Reginaldo Santos, liderança da comunidade que estava à frente do projeto na época – e onde continua até os dias de hoje –, na tentativa de retomar as atividades do programa. Ela lembra que, antes de dar início ao processo de reestruturação do Alavanca, a primeira etapa necessária foi organizar a empresa do ponto de vista jurídico e fiscal.

– Chamei meus alunos da FIA para ajudar nisso, o que chamei de ‘saneamento financeiro’. Meus alunos fizeram várias vezes bazares solidários para captação de recursos. A gente oferecia coisas boas, por um preço bom, para a comunidade. E aí o bazar começou a fazer sucesso. A direção da FIA fez um acordo que duplicaria os recursos obtidos e, com isso, conseguimos pagar as dívidas e botar essa questão em dia –, lembra a professora.

Com o CNPJ novamente regularizado, começou a segunda etapa da reestruturação do projeto, com a captação de recursos para dar sustentabilidade financeira à retomada das atividades.

– Eu conhecia a gerente de sustentabilidade da Ultragaz na época, mandei uma proposta e o Alavanca foi aprovado para receber um auxílio. Esse auxílio previa uma reforma no prédio, a Ultragaz contratou uma arquiteta para um projeto de reforma. Quando terminou a reforma, a Ultragaz se comprometeu a pagar uma taxa mensal de manutenção e, com essa verba, tivemos condições de contratar uma educadora e uma administradora. Aí começamos a fazer o atendimento às crianças – continua Ivete.

A partir disso, com a contratação de profissionais dedicados exclusivamente ao projeto, foi possível dar início a um acompanhamento mais profundo para as crianças, algo que não era possível apenas com o trabalho de voluntários.

– Quando eu cheguei a gente tinha algumas oficinas, algum voluntário queria dar uma oficina, a gente divulgava e fazia. Mas não tinha um trabalho contínuo [...] Mas trabalho voluntário não funciona muito, tem dia que vai, dia que não vai, as pessoas não tem compromisso com as crianças. E as crianças também têm expectativa de um trabalho contínuo, mas aí chega um dia e não vai ter aula. Aí as mães começavam a tirar as crianças, porque não viam benefício, apesar de ser graça – explica a professora.



Pais e crianças na frente do prédio do Alavanca. Reprodução: Instagram.

Hoje, o projeto visa um acompanhamento escolar, de desenvolvimento de competências diversas, para que as crianças sãorremanas possam melhorar seu desempenho na rede de ensino público. Para isso, Ivete conta que são ministradas aulas de linguagem, matemática, ciências – que até ano passado eram realizadas em parceria com o Instituto de Biologia da USP – e educação física, atendendo a cerca de 40 crianças de seis a 14 anos de idade.

– A gente oferece lanche para as crianças também. Algumas crianças da manhã chegavam e não tinham comido nada em casa, porque não tinham o que comer. Então a gente nem esperava o intervalo para dar o lanche, dava o lanche na entrada, porque não tinha como as crianças ficarem com fome até a hora do intervalo.



Crianças em oficina no Alavanca. Reprodução: Site do Alavanca.

O Alavanca também está inscrito para receber cestas básicas da prefeitura, que são distribuídas para as famílias dos alunos ou outras famílias mais carentes da comunidade. Mas esse não é o cerne do projeto, lembra Ivete, destacando que houve considerável diminuição na evasão escolar a partir do momento em que as crianças passaram a frequentar as aulas de acompanhamento com regularidade.

Só quem é de lá, sabe o que acontece¹

Como um dos objetivos deste trabalho é mostrar a realidade da São Remo e os muitos desafios que a população da comunidade enfrenta todos os dias, não é possível deixar de mencionar o Censo Vizinhança USP, um trabalho realizado pelo Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA-USP), organizado por Eliana Sousa Silva, Érica Peçanha e Dalcio Marinho Gonçalves, que apresenta em seus resultados as características domiciliares e socioculturais do Jardim São Remo.

Tendo como data de referência o dia 1º de janeiro de 2019, o Censo contabilizou 7.363 moradores residindo na favela da São Remo, em 2.496 domicílios. Em comparação aos dados de 2010, do IBGE, é possível observar que o aumento do número de domicílios da comunidade se deu em um ritmo bem maior que o de habitantes, o que significa que houve diminuição da média de moradores por domicílio.

O crescimento populacional foi de 10,5% no período (com taxa anual de 1,11%), enquanto o número de domicílios aumentou 31,1% (com taxa de 3,06% ao ano). Assim, a média de moradores por domicílio caiu de 3,47 para 2,93 no período.

De acordo com o Censo Vizinhança USP, a população da região é marcada por uma composição jovem, com maior frequência relativa na faixa etária de 20 a 24 anos, que concentra mais de 11% dos moradores. O contingente acima de 60 anos, por outro lado, é de 7,9%, número bem distante dos 15,2% que a Fundação Seade (2019) projetou para o ano de

¹ Trecho da música “Expresso da meia-noite”, dos Racionais Mc’s.

2019 na cidade de São Paulo.

No momento em que o país, como um todo, passa por um processo de envelhecimento populacional, o baixo número de idosos presentes na São Remo incita a reflexão sobre a menor expectativa de vida na região, reflexo da qualidade de vida precária em muitos aspectos, algo característico em todas as favelas espalhadas pelo país, fruto das enormes desigualdades sociais que afetam as camadas mais empobrecidas da sociedade brasileira.

A prefeitura de São Paulo classifica a São Remo como uma das muitas favelas da cidade, mas não como um núcleo urbanizado, que é caracterizado por regiões que “já possuem infraestrutura de água, esgoto, iluminação pública, drenagem e coleta de lixo”².

Em outras palavras, isso significa que os sãorremanos não possuem acesso completo à infraestrutura característica dos núcleos urbanizados e a serviços básicos de moradia das cidades urbanas. E esse foi outro aspecto sobre o qual o Censo Vizinhança USP se debruçou.

De acordo com o estudo, 92,3% dos domicílios da comunidade estão conectados à rede de água da Sabesp, mas apenas 72,6% das moradias possuem ligação à rede de esgoto. Isso significa que, a cada 10 domicílios, quase três despejam seu esgoto de forma inadequada.

“Alguns utilizam fossas sépticas, outros lançam o esgoto doméstico em ‘rede clandestina’, mas a maioria das casas desconectadas despeja seu esgotamento direto em córrego ou em vala a céu aberto. Na São Remo, são 311 domicílios nessas condições, justamente aqueles que se concentram na parte baixa da favela”, às margens do Riacho Doce, aponta a pesquisa.

² Portal de Dados Abertos da Prefeitura de São Paulo. Disponível em:
<http://dados.prefeitura.sp.gov.br/dataset/nucleo-urbanizado-da-cidade-de-sao-paulo>

Outro problema bem perceptível a olho nu para qualquer pessoa que faça uma breve caminhada pela São Remo está relacionado ao lixo.

Não é difícil encontrar resíduos descartados nas ruas ou montes de entulhos e sacos de lixo que vão sendo despejados em locais específicos da comunidade.



Terreno a céu aberto onde o lixo descartado se acumula: Foto: Diego Bandeira.

Mas, nos atentando aos dados, segundo o Censo Vizinhança USP, cerca de uma a cada cinco moradias da região (21,2%) possuem coleta domiciliar, enquanto 73,3% depositam o lixo em local indicado.

A não coleta na porta das casas passa por algumas questões intrínsecas à favela. Uma delas está diretamente ligada ao desenho das

ruas e vielas da região, em sua grande maioria bem estreitas, o que impossibilita, por exemplo, a passagem de caminhões de coleta.

Mas os moradores também relatam outras dificuldades para que haja o descarte correto dos resíduos. Dona Fatinha, de 69 anos, uma das moradoras mais antigas da comunidade, avalia que a questão do lixo é hoje um dos principais problemas da São Remo, senão o principal. Mas ela explica que um dos pontos que mais contribui para isso é a falta de conscientização da população da São Remo.



Lixo jogado ao longo da rua Aquianés: Foto: Diego Bandeira.

– Existem umas caçambas do lado do Roldão. Aqui geralmente o pessoal costuma pôr [o lixo] na rua onde passam uns caminhãozinhos que recolhem aqui dentro e levam lá para a caçamba. Mas, mesmo com esse pessoal recolhendo lixo, às vezes acabaram de recolher e a turma vai e joga lá. Conscientizar é isso, tem aquele horário certo, então coloca o lixo lá naquele horário –, relata dona Fatinha.

– Falta muita coisa [melhorar na São Remo]. Mas acho que o que falta mais hoje é estar conscientizando os moradores dessa questão do lixo e essas coisas. Acho que sim [a questão do lixo é hoje um dos piores problemas na São Remo] –, continua.

Com relação à energia elétrica, o Censo Vizinhança USP aponta que aproximadamente um em cada quatro domicílios (27,5%) registram problemas com o fornecimento de energia, com falta de luz e oscilações na rede elétrica entre os problemas mais recorrentes.

Como já foi enfatizado aqui algumas vezes, a relação de interdependência mais marcante entre a Universidade de São Paulo e a São Remo, desde o início da formação da favela, se dá pela oferta de trabalho na universidade. Segundo os dados do Censo, a maioria das relações de trabalho captadas já haviam sido encerradas no momento da pesquisa.

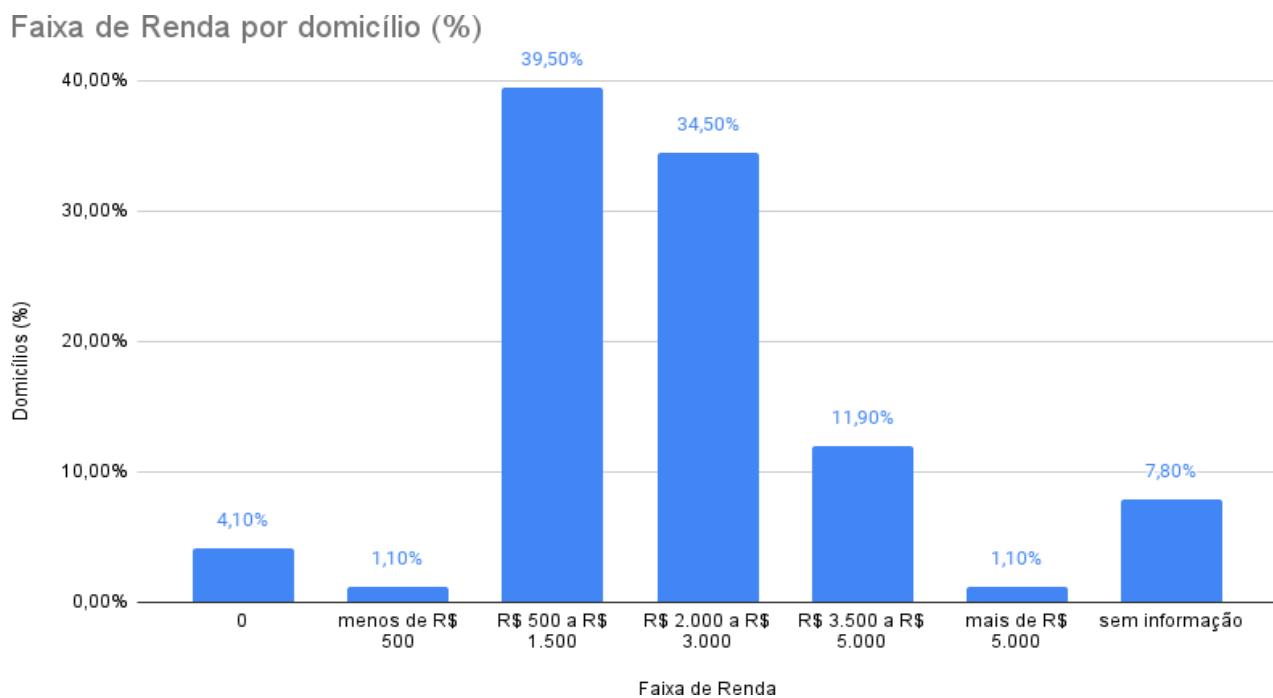
Na ocasião, 1.202 entrevistados (21,1%) afirmaram já terem trabalhado anteriormente na universidade, enquanto somente 509 (8,9%) seguiam lá na época da realização do censo. Há também informação relevante sobre a população com mais de 64 anos, uma vez que 127 idosos relataram trabalho prévio na USP – 8 deles ainda trabalhavam, total que corresponde a 35,5% dessa faixa etária.

Com relação ao vínculo empregatício, a maioria dos moradores que atuavam na USP em 2019 eram funcionários terceirizados (73%), seguidos pelos contratados (15,19%) e os servidores concursados

(5,96%).

“Nota-se que, apesar dos concursados serem um número relativamente pequeno entre os que trabalham na USP, o percentual desses em comparação a todos os entrevistados que declararam ser servidores públicos concursados (109 pessoas) indica que a universidade tem um peso importante, já que emprega 31 (28,4%) desses servidores”, conclui o estudo.

O Censo também faz um levantamento sobre a renda domiciliar da São Remo. No ano do estudo, ou seja, em 2019, 74% dos domicílios da favela se encontravam entre as faixas de renda número 3, de R\$ 500,00 a R\$ 1.500,00, e número 4, de R\$ 2.000,00 a R\$ 3.000,00. Portanto, praticamente três a cada quatro casas da comunidade possuíam renda mensal entre R\$ 500,00 e R\$ 3.000,00 – isso somando todas as pessoas que compõem renda na moradia. E, das faixas de renda utilizadas na pesquisa, a que registrou maior concentração de domicílios entre todas é a de número 3, com 39,5% das moradias.



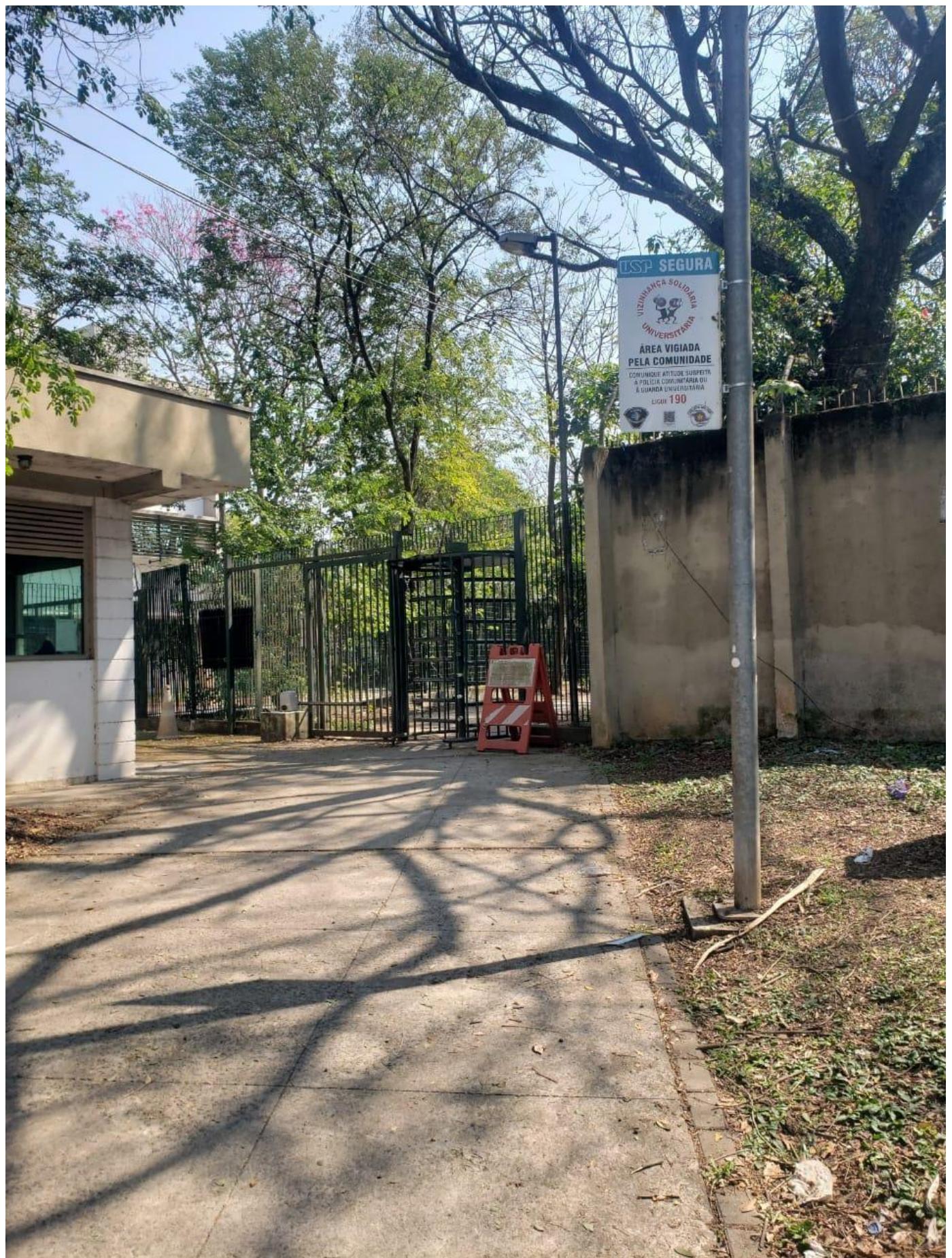
Dados retirados do Censo Vizinhança USP. Gráfico: Diego Bandeira

Ainda falando sobre a relação entre USP e São Remo, não é nada difícil encontrar moradores da comunidade que se queixam da dificuldade de acessar o campus da Universidade, processo que se intensificou após a construção do muro e da determinação de horários preestabelecidos para passagem de pessoas nas portarias de acesso.

Robson Souza Dutra, morador de 41 anos que passou sua vida toda na São Remo, avalia que o muro e as portarias “inibem” a população da favela de frequentar a universidade – algo que, para ele, poderia ser facilitado através de maior diálogo por parte da USP com os moradores da comunidade.

– A questão das portarias, até sei que não pode deixar muito solto, para proteger o patrimônio público, sei que no passado já rolou muito assalto aí. Então, queira ou não queira, tem muita coisa valiosa aí dentro. Mas acho que deveria ser conversado esse acesso, porque isso fica complicado –, afirma o morador.

– Às vezes o portão está quebrado, às vezes os caras metem um cadeado lá e ninguém sabe o motivo. Se a pessoa está passando mal um dia e o portão está fechado, o cara morre. Como que chega no HU? [...] O acesso deveria ser livre. Quer ter a portaria, o muro? Ok. Mas a gente deveria ter mais acesso.



Portaria de acesso ao lado do Hospital Universitário. Foto: Diego Bandeira

Carlos Dumangue, assim como praticamente todos os moradores que compartilharam suas experiências para este trabalho, afirma que, antigamente, “passava o dia todo na USP”, seja para lazer ou até mesmo para “cuidar de carros”.

– O que aconteceu com a USP, hein? A USP era meu quintal, eu não saia da USP, pegava o circular e passava o dia rodando [...] Eu ia para nadar, para a raia, ia para a grama, para o instituto das cobras, cuidava de carro. Hoje não tem mais isso –, avalia Carlos.

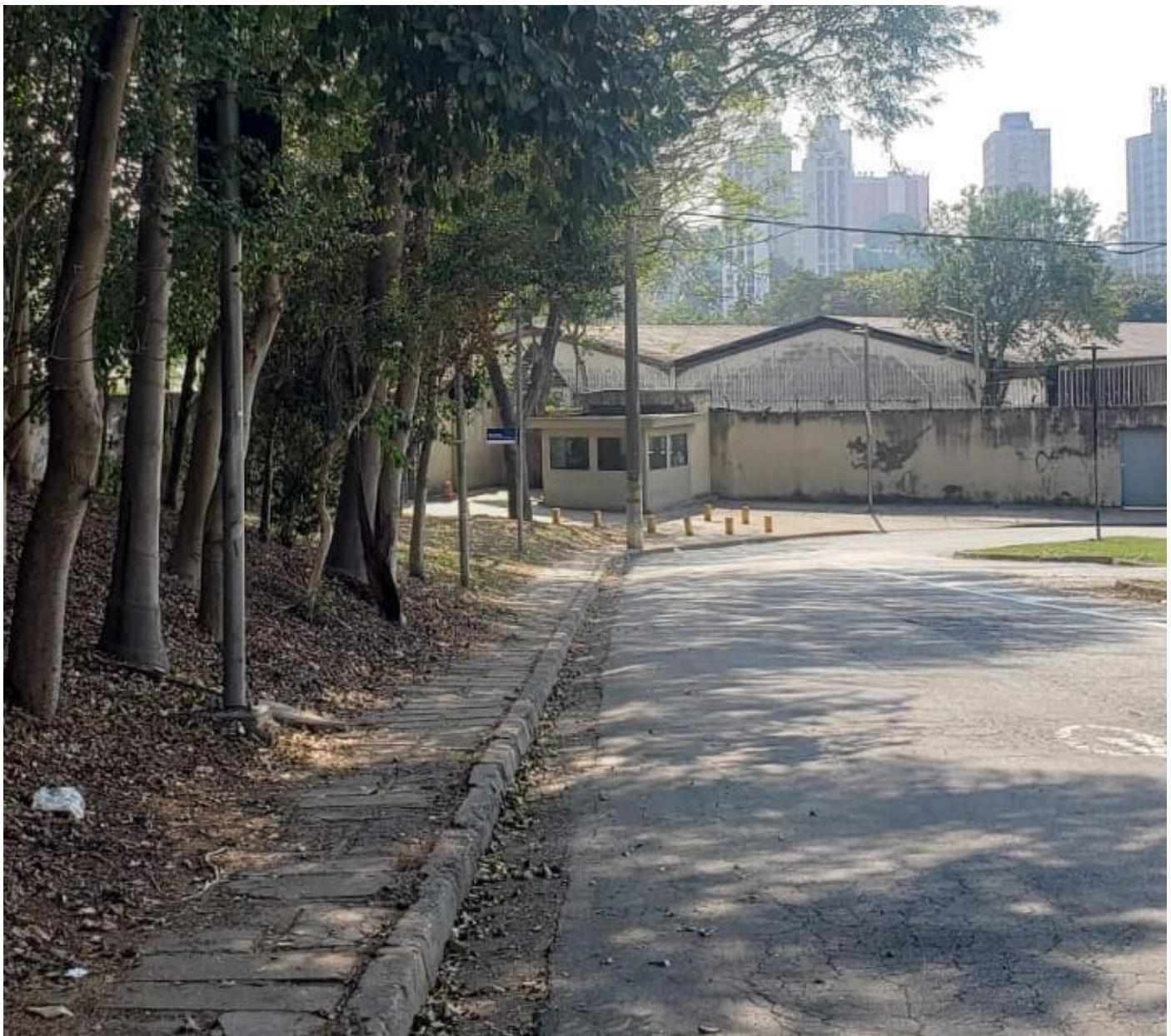
– Esses dias mesmo, fui fazer um treino na USP, cheguei lá o cara falou que eu não podia entrar. Eu só ia treinar –, lamenta.



Placa no campus que indica a portaria de acesso à São Remo. Foto: Diego Bandeira

Dona Fatinha, uma das primeiras moradoras da comunidade, também afirma que passava os finais de semana no campus da Universidade com seus filhos, ainda pequenos, mas avalia que a situação mudou após a construção do muro.

– Antes desse muro era maravilhoso, final de semana a gente ia com as crianças e passava o dia na USP, era uma delícia. Começou a ficar ruim quando a molecada, na época, começou a fazer umas coisas erradas lá dentro, aí surgiu essa coisa desse muro. Mas antes era muito bom –, lembra com certo saudosismo.



Segunda portaria de acesso, ao lado da Prefeitura da USP. Foto: Diego Bandeira

É claro que toda história tem dois lados. E, para que a universidade possa cumprir com sua “vocação”, Jacques Marcovitch avalia que a utilização do campus para fins de lazer deve ficar em segundo plano.

– O campus da USP tem uma vocação, e certamente não é ser um parque de lazer. A vocação da USP é de ensino, pesquisa, extensão e cultura –, comenta o ex-reitor da universidade.

– Neste sentido, existe, sim, uma interação [entre USP e São Remo]. Desde oportunidades de curso, geração de emprego e renda e prestação de serviços. Essa é a vocação. Em outras atividades, não é só a São Remo que está sendo impactada por essas limitações. No final de semana o campus está fechado por impossibilidade de receber uma comunidade maior, dada questões de segurança. A decisão de fechar o campus aos finais de semana foi difícil, foi tomada também na gestão anterior, mas não vejo a possibilidade de a universidade se afastar de sua razão principal de ser –, completa.

Através do censo, essa reclamação dos sâorremanos com relação a dificuldades de acesso ao campus, que já é nítida nas conversas com os moradores da comunidade, fica ainda mais clara e evidente.

Na pesquisa coordenada por Eliana Sousa Silva, Érica Peçanha e Dalcio Marinho Gonçalves, 87,4% dos domicílios recenseados na São Remo indicaram que não há moradores que desenvolvem atividades ou utilizam os serviços da universidade. Além disso, na maior parte das moradias onde há pessoas com o hábito de usufruir do espaço do campus, “apenas um dos moradores utilizava os serviços/atividades, em um contexto em que a média de moradores por domicílio é de 2,86”.

Robson diz que tenta frequentar o campus da USP quando possível, mas sua percepção é que “nem 5%” dos moradores da São Remo pensam assim, e que a maioria dos sâorremanos não se sentem “pertencentes” do espaço, uma vez que o muro que cerca o campus “remete à propriedade privada”.

– Hoje em dia eu até tento ir na USP, tenho uma cabeça diferente, acho que a gente tem que ocupar o espaço. Mas nem 5% da população

pensa assim. A galera que está no corre não se vê ali na USP, não se acha pertencente [...] A real é que a galera não quer a gente aí dentro, né? Essa é a verdade. A gente não é bem-vindo.

Dona Fatinha, por exemplo, é uma das pessoas que tem uma visão mais pessimista sobre o muro, algo que ela acredita ter desmotivado os moradores a frequentarem o campus.

– Hoje é difícil [de frequentar a USP]. É raro a gente ter acesso de final de semana, não é como antigamente. Depois do muro desmotivou um pouco [...] Foi muito estranho esse muro. A gente fica isolado, a gente se vê como alguém de fora. Era bom quando era tudo livre –, ressalta.

Jacques Marcovitch também avalia que o muro “não deveria ser uma forma de impedimento da interação” entre USP e São Remo, mas, na prática, fica claro que as coisas não funcionam desta maneira.

O Censo Vizinhança USP ainda relata que a maior parte do acesso da comunidade à Universidade de São Paulo se concentra nos serviços médicos e/ou odontológicos, em 51,2% dos domicílios entrevistados, algo que pode ser explicado pela proximidade da favela com a Faculdade de Odontologia da USP, que oferece tratamentos realizados por alunos de forma gratuita a qualquer interessado de baixa renda, e com o Hospital Universitário, que atende moradores do entorno encaminhados pelo posto de saúde.

Como mencionado anteriormente, o Hospital Universitário sempre foi visto pelos moradores da São Remo como um elemento que criava elos entre as duas comunidades. No entanto, o cenário foi se transformando nos últimos anos, a partir da diminuição de leitos do hospital, de profissionais e de atendimentos.

Segundo os Anuários Estatísticos da USP, o HU perdeu 495 funcionários entre 2013 e 2019. No mesmo período, as internações no

hospital caíram mais de 70%, de 1472 para 421 ao ano³.

Desde 2015, a resolução 7043/2015 determina que “terão direito à utilização dos Serviços Médicos e Odontológicos próprios da Universidade de São Paulo os servidores técnicos e administrativos, os docentes, os alunos matriculados em cursos de graduação e pós-graduação e os dependentes dessas categorias”.

Com isso, atualmente, os moradores da São Remo – e de outras comunidades próximas à universidade – podem utilizar o HU somente em casos de emergência e, mesmo assim, é necessário que antes passem por uma unidade de saúde primária para que sejam encaminhados ao hospital, fato que também é recorrentemente mencionado com descontentamento e frustração por parte dos sãorremanos.

Também não é nada difícil encontrar moradores que tenham nascido no Hospital Universitário. Dumangue, que é professor de capoeira, é um desses muitos exemplos. Ele conta que, no passado, o HU já prestou socorro e serviço a inúmeros moradores da comunidade, inclusive a ele próprio e a muitos de seus alunos.

– A gente sempre teve tratamento no HU. Eu nasci no HU, já me curei de um monte de doença lá. Quantos alunos meus já quebraram o braço e foram tratados lá. Hoje é bem difícil.

Robson, que também lembra com orgulho do fato de ter nascido no Hospital Universitário, é mais um morador que fala com certa frustração sobre a situação atual.

– O HU está defasado. O HU caiu e a gente não conseguiu fazer nada, porque a galera não entendeu a mensagem. O pessoal tentou fazer uma mobilização, mas os moradores não entendem, a galera fica na inércia. A

³ Informação retirada de reportagem do Jornal do Campus: “Para quem funciona o Hospital Universitário?”, de dezembro de 2023.

galera da zona Oeste é diferente das comunidades da zona Sul, onde a galera é militante, vai mais para a luta. Aqui o pessoal é mais acomodado. Não sei se é porque estamos em um bairro nobre, não sei, mas não tem histórico de luta, de articulação –, pontua o morador.

Mesmo com as dificuldades, Robson destaca que ficou internado no HU durante a pandemia, mas conta aliviado que sua esposa possui convênio médico, fato que possibilita que sua filha, de oito anos de idade, utilize a rede particular de saúde.

– Eu consegui ir lá na época da Covid, que fiquei internado lá, mas hoje é mais difícil. Eu vou mais na UBS. Minha filha, no caso, como minha esposa tem convênio, ela vai no Metropolitano. Mas quando eu preciso eu vou na UBS.

A frustração dos moradores com o Hospital Universitário é outro ponto relatado no Censo realizado pela IEA. Dentre as respostas registradas, predominam queixas quanto ao atendimento oferecido pelo HU, com 43,6% dos resultados, algo que explicita o nível de descontentamento que hoje permeia entre a população da região e reforça a dependência das comunidades do entorno USP aos serviços médicos e odontológicos prestados pela universidade.

“Nas respostas espontâneas, há reclamações sobre as muitas faltas percebidas no HU: “falta de atendimento”, “falta de médicos” e “falta de verba”; ou, ainda, sobre o “atendimento precário” e a “restrição do acesso dos moradores ao hospital”. Algumas das frases registradas pela pesquisa, como “o HU não atende mais favelado” e “o atendimento no HU não é mais o que era antes e isso é prejudicial para a comunidade”, denotam insatisfação com algumas mudanças que foram promovidas no hospital nos últimos anos, como o encerramento do serviço de obstetrícia e do pronto atendimento para casos não graves da comunidade externa à USP em 2017” (Censo Vizinhança USP).

Em entrevista ao Jornal do Campus, Givanildo Oliveira dos Santos, conselheiro gestor da UBS São Remo, considera que a situação do HU representa a maior perda que os moradores já tiveram: “Boa parte da nossa comunidade teve filho lá. Um hospital daquele porte, com bons aparelhamentos, leitos, profissionais capacitados para atender a necessidade da população e está fechado. O pessoal não se conforma. E é uma situação muito crítica e caótica para o sistema de saúde no Butantã, principalmente”⁴.

Alguns moradores, no entanto, também reclamam das condições de atendimento da UBS São Remo. Dona Fatinha, que também lamenta as mudanças realizadas no HU, conta que prefere ir na UBS da Lapa ou no AMA Sorocabano, “onde a gente é atendido logo e pronto”, enquanto, na UBS São Remo, é preciso chegar nas primeiras horas do dia e, ainda assim, correndo o risco de não ser atendido.

– Eu vou na UBS da Lapa, essa aqui [UBS da São Remo] nem sei para que está lá –, critica a moradora.

– Às vezes você está mal e para conseguir passar no médico tem que ir de madrugada para tentar arrumar uma vaga durante o dia. Se não aparecer a vaga, você está mal e tem que esperar para ir no outro dia. Quem está mal não pode ficar esperando. Então eu vou direto na UBS da Lapa ou no AMA Sorocabano, lá já é atendido logo e pronto. É raro eu ir aqui.

⁴ Trecho retirado de reportagem do Jornal do Campus: “Serviço médico da Zona Oeste é sobrecarregado com desmonte do HU”, de outubro de 2018.

Parte III:

O mundo é diferente do muro para cá¹

Muitos alunos da USP sequer sabem da existência da São Remo, tantos outros apenas ouviram falar vagamente, mas não conhecem de fato nada da dura realidade das milhares de famílias que moram além-muro.

Para que cada vez mais pessoas se interessem pela São Remo e atuem para melhorar as condições de vida na comunidade, é necessário, primeiro, que essa realidade chegue ao conhecimento de cada vez mais pessoas.

Se apenas uma pequena parte de todo o conhecimento científico que é produzido na USP todos os dias for destinada de algum modo à São Remo, a região tem totais condições de se desenvolver e se transformar em um lugar cada vez melhor. E, enquanto alunos de uma universidade pública, é função de todos que lá estudam atuar de algum modo para que parte deste conhecimento adquirido ao longo da graduação retorne para a sociedade.

E, para que isso aconteça, como o título do livro sugere, um dos pontos centrais deste trabalho é dar voz para os moradores da São Remo e fazer com que suas histórias sejam cada vez mais conhecidas dentro da Universidade de São Paulo, por alunos e professores, para que seja possível construir cada vez mais pontes entre as duas comunidades.

¹ Trecho que faz referência à música “O mundo é diferente da ponte para cá”, dos Racionais MC’s.

Eu, meu Deus e o meu orixá¹

Dona Fatinha, de 69 anos, é uma das moradoras mais antigas da São Remo. Com três filhos, sete netos e três bisnetos – “a maiorzinha já vai fazer dez anos” –, ela chegou na comunidade ainda jovem, “mais ou menos nos anos de 1970”, com sua mãe, que se mudou do Sumaré em busca de um lugar onde fosse possível pagar aluguel mais barato.

Fatinha lembra que, quando ela e sua mãe chegaram na comunidade, se instalaram nas proximidades da região onde hoje fica o campo de futebol na rua Aquianés.

– Quando eu vim para cá, com minha mãe, só tinha um barraco aqui. A gente morava lá em cima, perto do campo, aqui era tudo aterro, tudo mato. Na época era até uma lagoa ali [...] Depois que foi aumentando e chegando pessoas de outros lugares. Eu já tinha meus 20 e poucos anos – conta a moradora que esbanja simpatia.

Nessa época, as moradias da São Remo ainda não contavam com serviços de água encanada, saneamento básico e energia elétrica. Assim, o barraco era iluminado à luz de velas, ao passo que a água chegava através dos braços de mãe e filha, que buscavam os galões na prefeitura da USP e subiam toda a extensão da rua Aquianés a pé, com o esforço necessário de quem precisa daquela água para sobreviver.

Fatinha se recorda, inclusive, dos protestos do final da década de

¹ Trecho da música “O homem na estrada”, dos Racionais MC’s.

1970, quando os moradores da comunidade se articularam para reivindicar melhores condições de moradia.

– A gente até participou de várias passeatas reivindicando água e luz. O líder daqui juntava as lideranças das favelas ao redor e saia fazendo as reivindicações. Só então a infraestrutura melhorou.

A moradora, assim como a esmagadora maioria de sãorremanos na década de 1980, se beneficiou da relação que a USP mantinha com a comunidade. Chegou a trabalhar no restaurante da FAU, onde ficou “por muitos anos”, passava os finais de semana na cidade universitária com seus filhos, enquanto principal opção de lazer e cultura da região, e ia ao Hospital Universitário quando ela ou alguém de sua família necessitava de cuidado médico.

– Trabalhei muitos anos em um restaurante na FAU. Para mim foi bom. No decorrer do tempo, depois que foi aumentando a comunidade, devido a algumas pessoas que começaram a fazer desordem na USP que começou [um desentendimento entre USP e São Remo]. Aí acabou surgindo o muro. Mas antes desse muro era maravilhoso, final de semana a gente ia com as crianças e passava o dia na USP, era uma delícia. Começou a ficar ruim quando a molecada na época começou a fazer umas coisas erradas lá dentro, aí surgiu essa coisa desse muro. Mas antes era muito bom.

– Quando foi inaugurado o hospital [universitário] era muito bom, acolhia a comunidade, tinha atendimento. Depois passou um tempo e deixou de atender o pessoal daqui. Até hoje não atende.

Fatinha desde cedo teve a religião fazendo parte de sua vida. Ela conta que sua mãe tinha um centro espírita na São Remo, mais precisamente uma tenda de umbanda, onde ela própria atuava como mãe de santo.

Depois de alguns anos, ficou sabendo, através de uma amiga, do programa Viva Leite, implementado no estado de São Paulo no início da década de 1990. Então, conseguiu inscrever o CNPJ da tenda de umbanda de sua mãe no programa, e passou a distribuir leite para as famílias da comunidade, tarefa que mantém com orgulho até os dias de hoje.

No início, recebia uma espécie de tíquete, com o qual ia retirar o leite na Secretaria de Abastecimento do governo. Para ter controle e garantir uma distribuição justa do leite, conta que carimbava os tíquetes com o nome do centro espírita, fato que fazia com que muitos moradores recusassem as doações, por preconceito ou medo da ligação do leite com a tenda de umbanda.

Com o passar dos anos, sua mãe foi envelhecendo e veio a falecer, fato que impossibilitou a continuidade das atividades do centro. Então, fez o local se transformar em uma ONG, chamada Instituto das Mulheres, para poder continuar recebendo e distribuindo o leite para as famílias mais carentes da comunidade.

– Para ter um controle dos tíquetes eu carimbava com o nome do centro, era uma tenda espírita de umbanda. A maioria das pessoas precisava mas não vinha pegar o leite, por conta do nome, porque era uma tenda de umbanda, tinha preconceito. Minha mãe era a mãe de santo.

– Mas aí passou um tempo, minha mãe morreu. Aí eu mudei o nome religioso para o social, aí virou Instituto das Mulheres e virou essa ONG, para

poder estar ajudando as pessoas com o leite, porque não pegavam só por causa do nome.

Hoje em dia, a ONG recebe toda quinta-feira 60 litros de leite, que são entregues na casa de dona Fatinha. Em sua base de distribuição, possui o cadastro de 30 idosos e 30 mães, que retiram o produto semanalmente – agora sem a barreira dos tíquetes carimbados com o nome da tenda de umbanda.

Para além do leite, a ONG também realiza outras atividades para a comunidade, como a tradicional festa do dia das crianças, realizada sempre no dia 12 de outubro. Fatinha, que atualmente trabalha em casa como costureira e confecciona fantasias de carnaval, sempre faz questão de chamar uma escola de samba diferente a cada ano para participar das comemorações.

– Através da ONG eu faço também a festa de dia das crianças, todo dia 12 de outubro. A gente faz na rua, monta palco, todo ano a gente chama escola de samba. Já veio Vai-Vai, Mocidade, Tom Maior, várias escolas – relata, acrescentando que vem tentando cadastrar sua ONG para o recebimento de cestas básicas – A gente conseguiu fazer um cadastro para receber cesta básica, mas só veio duas vezes aqui. Agora estamos tentando voltar com isso.

Apesar de ter tido maior contato com o espiritismo ao longo de sua vida e ter presenciado o preconceito sofrido pela tenda de umbanda de sua mãe, Fatinha não faz diferença entre religiões.

– Eu não vou dizer que sou católica, evangélica ou espírita. Se eu sentir vontade, eu vou em qualquer uma [...] Eu vou com uma filha na Universal,

que ela gosta. Outra fez catequese, então eu vou com ela na igreja católica também. Vou em um pouco de cada [risos], mas eu respeito todas. Para mim Deus é um só, acho que ele olha muito o íntimo da gente.

Desde o momento em que chegou na São Remo, a vida na comunidade melhorou bastante, com ruas asfaltadas, serviços de água encanada, saneamento básico, energia elétrica e com a evolução estrutural das moradias da região. No entanto, avalia que ainda existem problemas sérios. Um deles é a questão do lixo, o que considera ser, atualmente, o principal problema da favela. E a solução, para ela, passa pela conscientização da população.

– Falta muita coisa [melhorar na São Remo]. Acho que o que falta mais hoje é estar conscientizando os moradores dessa questão do lixo e essas coisas. Acho que sim [a questão do lixo é hoje um dos piores problemas na São Remo].

– Existem umas caçambas do lado do Roldão. Aqui geralmente o pessoal costuma pôr [o lixo] na rua onde passam uns caminhãozinhos que recolhem aqui dentro e levam lá para a caçamba. Mas, mesmo com esse pessoal recolhendo lixo, às vezes acabaram de recolher e a turma vai e joga lá. Conscientizar é isso, tem aquele horário certo, então coloca o lixo lá naquele horário.

Um aspecto que a moradora considera ter “mudado para pior” na São Remo é a “questão da droga”, opinião que também é compartilhada por outros sãorremandos.

– Antigamente tinha, mas não era assim, a gente não via. Hoje em dia está muito escancarado – comenta, ressaltando, contudo, que gosta de

morar na comunidade, apesar dos problemas – Eu gosto de morar aqui, talvez até é questão de costume. Mas aqui é um lugar que tem condução para tudo que é lugar, então eu gosto.

Outra crítica de Fatinha que é amplamente compartilhada pelos moradores da São Remo está relacionada à precarização do Circo Escola. Ela lembra com orgulho que uma de suas filhas, de nome Pamela, arrumou seu primeiro emprego através dos muitos cursos e oficinas que antigamente eram oferecidos no Circo.

Segundo ela, o projeto também servia como um porto seguro para as mães da região, principalmente as solteiras, que podiam trabalhar tranquilas enquanto sabiam que seus filhos estavam no Circo brincando e aprendendo.

– Meus filhos e meus netos participaram muito do Circo Escola. A gente fica até triste, porque agora não está com as atividades que tinha antigamente, era muito bom. Minha filha mesmo, a Pamela, ela fazia Circo Escola e o primeiro emprego dela eles que arrumaram para ela. Tinha oficina, dança, música, aulas e cursos diversos.

– Era muito bom para as mães que trabalhavam. As crianças saiam da escola de manhã e de tarde iam para lá. Então você trabalhava tranquila, porque sabia que seus filhos estavam lá. Hoje em dia as crianças estão ao Deus-dará. Sabe que na rua só aprende coisa errada, né.

A relação entre USP e São Remo também piorou, na avaliação da moradora. Atualmente, ela diz que “é raro ter acesso” ao campus aos finais de semana e que, depois da construção do muro, os moradores da região se enxergam como “alguém de fora” quando estão na cidade universitária.

– Hoje é difícil [de frequentar a USP]. É raro a gente ter acesso de final de semana, não é como antigamente. Depois do muro desmotivou um pouco [...] Foi muito estranho esse muro. A gente fica isolado, a gente se vê como alguém de fora, era bom quando era tudo livre.

Fatinha também pouco utiliza o Hospital Universitário nos dias de hoje, ao contrário do que acontecia há algumas décadas. Mas ela ainda relata problemas para utilizar a UBS São Remo, fato que a faz procurar a UBS da Lapa quando ela ou algum familiar apresenta algum problema de saúde, como um de seus netos, que possui asma.

– Meu neto tem asma e vira e mexe dá pneumonia, a gente tem que correr para o pronto-socorro, mas eles só abrem o atendimento se tem uma guia de algum lugar. Outro dia levei ele na UBS da Lapa. Ele precisava de internação, os aparelhos que ele precisava lá não tinha, então acolheram ele aqui, mas por causa da guia de lá. Se eu for direto lá eles não atendem, só se tiver encaminhamento.

– Eu vou na UBS da Lapa, essa aqui [USB da São Remo] nem sei para que está lá. Às vezes você está mal e para conseguir passar no médico tem que ir de madrugada para tentar arrumar uma vaga durante o dia. Se não aparecer a vaga, você está mal e tem que esperar para ir no outro dia. Quem está mal não pode ficar esperando. Então eu vou direto na UBS da Lapa ou no AMA Sorocabano, lá já é atendido logo e pronto. É raro eu ir aqui.

Eu sigo um movimento que pra mim é natural, de resistência cultural¹

Carlos Dumangue, “nascido e criado aqui na comunidade”, é outro morador que se lembra com certo saudosismo do Circo Escola. Foi lá, inclusive, que ele aprendeu a capoeira, expressão cultural que hoje ensina para dezenas de crianças sãorremanas todos os dias.

Dumangue conta que “sempre teve capoeira na São Remo” e que desde criança ele tinha vontade de aprender. Mas, sua mãe, preocupada com a segurança do filho, não deixava ele “ir com os moleques”.

Em 1999, foi passar um ano em Pernambuco, estado de origem de sua família, e foi lá que teve sua primeira experiência, de fato, com a capoeira, com o mestre Luciano do Mel. Ao retornar para a comunidade no ano seguinte, com 14 anos, pediu para que a mãe deixasse ele fazer aulas no Circo Escola, onde pegou sua segunda corda.

– Em 1998 eu já conhecia a capoeira, sempre teve capoeira na São Remo, mas minha mãe não deixava eu ir, achava perigoso, mas os moleque ficavam fazendo capoeira, eu achava uma parada legal. Aí em 1999 eu fui para Pernambuco, sou de família pernambucana, aí pratiquei mesmo com um mestre lá, o mestre Luciano do Mel. Fiquei um ano lá e em 1999 voltei para São Paulo, já tinha 14 anos. Aí pedi para minha mãe para eu fazer capoeira no Circo.

¹ Trecho da música “Resistência Cultural”, de Marcelo D2.

Dois anos mais tarde, em 2001, começou a fazer aulas de capoeira no Crusp (Conjunto Residencial da USP). Quando o professor faltava por algum motivo, Dumangue, já mais avançado na capoeira do que seus colegas, ministrava as aulas. E foi assim que os caminhos do destino o levaram a se tornar educador.

– Eu peguei a primeira corda em Pernambuco, a segunda aqui na São Remo, quando voltei. No Crusp entrei em 2001, com o mestre Henrique, mas eu já era o único que tinha a segunda corda. Aí quando ele não podia ir eu já assumia algumas aulas.

– Aí fui dando continuidade, o Henrique teve outras obrigações e eu mantive durante uns dez ou 15 anos o trabalho lá no Crusp. Depois teve aquela onda de greve na USP, protesto, teve muito barulho. Aí cancelaram o circular, ainda ficamos um ano indo a pé, mas aí não deu para continuar.

Sem o espaço do Crusp para as aulas, Dumangue passou a se reunir com seus alunos na rotatória que fica próxima a uma das portarias entre a USP e a São Remo, na rua Catumbi. Então, através de um amigo, conseguiu ministrar suas aulas no Girassol, uma outra ONG que atende crianças na São Remo.

Ficou “mais uns dez anos” no Girassol, até o início da pandemia da Covid-19. Nesse momento, Dumangue já pensava em se mudar para um local próprio para suas aulas. Foi então que aproveitou a oportunidade para alugar um local no Riacho Doce – lugar onde está até hoje.

Essa mudança, no entanto, apresentava mais um desafio para Carlos. Agora havia a necessidade de pagar aluguel para manter o espaço, mas ao mesmo tempo não era possível cobrar pelas aulas dadas às crianças da

comunidade. Foi então que, também através de um amigo, veio a ideia de ensinar as crianças a reciclar óleo e vender o produto para ajudar no pagamento do aluguel.

– Comecei a dar aula aqui na rotatória, perto do portão da São Remo, na Catumbi. Foi aí que um amigo meu me indicou o Élbio, do Girassol. O Élbio acolheu a gente, ficamos acho que mais uns dez anos lá no Girassol. Mas aí depois veio a pandemia, a gente já tinha a ideia de arrumar um lugar, o Élbio também se afastou um pouco do Girassol, aí alugamos um espaço aqui no Riacho Doce. Ia ser uma academia, mas estamos até hoje lá.

A atividade principal segue sendo a capoeira, mas hoje o lugar se tornou um centro cultural, o Centro Cultural Riacho Doce, onde as crianças aprendem não apenas capoeira, mas também valores importantes para a vida em sociedade, fazem festas culturais e desenvolvem desde cedo a consciência de trabalhar para que a comunidade seja um lugar melhor.

– O óleo é a base do negócio, todo mês a gente sabe que vai estar ali. Tem uma empresa que compra o óleo de mim. Eu pego o óleo dos moradores e essa empresa vem pegar o óleo aqui no meu espaço. Eles também dão galão de produto de limpeza. O morador dá sua garrafa de óleo e eu dou produto de limpeza para eles, é uma moeda de troca. Muitos moradores não querem nada, mas muitos acham legal ganhar uma garrafa de cândida, de desinfetante.

– Não dava para dar aula de graça e pagar aluguel, aí um amigo deu a ideia de lançar a campanha do óleo, ensinar as crianças a reciclar, aí a gente vende o óleo e paga o aluguel. Ficou um espaço legal aqui para a molecada. A gente tenta manter o espaço dessa forma, com doações também, fazemos festa junina, de carnaval, para arrecadar dinheiro mas não só por isso, pela

cultura, né. Hoje em dia não tem mais isso, mas como aqui é um centro cultural a gente tenta resgatar isso. Temos um teatro também. E tinha jiu-jitsu, mas o professor teve uns contratemplos.

As aulas no centro cultural, que antes aconteciam três vezes por semana, agora são realizadas diariamente para 70 jovens. Muito mais do que a cultura, as crianças e adolescentes aprendem princípios de vida valiosos através da capoeira, como respeito, responsabilidade, compromisso e civilidade. São “telas em branco” que aos poucos vão sendo preenchidas com valores que podem transformar suas vidas para sempre.

– Como os mestres mais antigos dizem, se eu for explicar [o impacto da capoeira na vida da comunidade], vai durar uma vida inteira. Eu tenho 40 anos, 25 anos de capoeira. Então imagina quantos adolescentes, adultos que passaram aqui que hoje estão trabalhando, são empresários, têm seus comércios, trabalham fora, tudo pela metodologia da capoeira, dentro dos princípios que a gente ensina aqui. Tenho alunos que estão fazendo direito, duas já terminaram a faculdade, dois fizeram enfermagem, três pedagogia. A capoeira é o carro-chefe.

– Tem mãe que fala que o filho não vai gostar de capoeira. Eu falo: ‘Mãe, ele não gosta de capoeira, ele não gosta de nada hoje, ele é um papel em branco. Se você der um celular ele vai aprender isso. Mas se você colocar educação, disciplina, uma cultura, direitos, deveres e princípios, aí você vai construir um cidadão para o resto da vida. Eu falo isso porque minha mãe é pernambucana, analfabeta, não sabe escrever o nome. E eu já viajei para Europa, para quase todos os estados brasileiros, fui o melhor de todas as favelas de São Paulo, campeão paulista, de vários campeonatos. Não é porque minha mãe sabia ler ou escrever. Ela só queria que eu fosse para a escola. E eu falei que para ir na escola eu ia na capoeira também. Esse foi o

acordo que eu fiz com ela. Então eu não faltava porque eu sabia que, se eu faltasse na escola, eu não ia na capoeira.

Como a capoeira é o “carro-chefe” das atividades realizadas, o principal evento realizado todos os anos no centro cultural é o batismo, uma cerimônia em que os alunos recebem uma nova corda, fazem apresentações e se graduam de acordo com o seu desempenho.

– Anualmente a gente também faz um evento, o batizado. Para esse evento é muita grana, a gente compra uniforme para todas as crianças. Nesse último batizei umas 60 crianças, então é camiseta, calça, corda, transporte para o parque Villa-Lobos, alimentação. Tinha dois de Suécia e Alemanha, que eu participei de um campeonato mundial, fiz amizade lá e a galera veio prestigiar o evento.

– Aí me perguntam se tem menina na capoeira. Dos 70 alunos, 40 ou 45 são meninas. A campeã que ganhou os jogos aqui é menina, é bicampeã, ela tem 16 anos. Amora, ela é bicampeã dos nossos jogos e também vai disputar outro que ela ganhou no ano passado.

Dumangue, obviamente, fala com certa tristeza sobre a situação atual do Circo Escola e, para ele, o desmonte do programa contribuiu para uma mudança de mentalidade entre os jovens da favela. Assim como dona Fatinha, ele acredita que hoje em dia há muito mais desrespeito na comunidade, incluindo o uso de drogas em público, perto de outras crianças que acabam vendo as cenas.

– Antigamente tinha o Circo Escola, as crianças eram diferentes, o crime era diferente, o bandido respeitava mais o morador. O bandido de hoje não teve cultura, não teve brincadeira, a metodologia era outra. Na minha época

o bandido não deixava fumar na frente das crianças, desrespeitar os mais velhos. Mas a nova geração de bandido não vê valor nisso, o capitalismo comanda. Então a comunidade acaba tendo esse confronto entre o consumismo e o respeito.

Mesmo assim, ele reconhece que, antigamente, os episódios envolvendo crimes na comunidade eram mais comuns, algo que não acontece hoje. E, mesmo com as cenas de desrespeito e drogas sendo vistas abertamente nos dias de hoje, ele acredita que a qualidade de vida na São Remo melhorou ao longo do tempo.

– Na minha época os bandidos matavam, jogavam aqui na porta de casa. Hoje em dia ninguém mais mata na comunidade, São Paulo mudou, não pode mais isso, o que tem é desrespeito, mas ninguém mata mais. As comunidades sempre foram bons lugares para morar, mas hoje são melhores ainda. Mas, em contrapartida, tem outras coisas que você não pode falar, tem que ficar quieto. Antigamente você podia ir lá falar, tomar uma atitude, porque o cara estava te incomodando. Hoje em dia você não pode, porque ele tem dinheiro. É a doença que sempre teve no nosso país. Hoje em dia o capitalismo tomou conta das comunidades e quem tem dinheiro na comunidade passa por certo, mesmo estando errado.

Na opinião de Carlos, o que não mudou com o tempo foi a relação entre a São Remo e a USP – perguntado sobre o tema, disse, inclusive, que essa seria a parte mais triste de falar ao longo da entrevista. Ele é mais um morador que nasceu no Hospital Universitário e passou sua infância no campus da universidade, para atividades de lazer, cultura e até mesmo para cuidar de carros. Mais tarde, as aulas de capoeira no Crusp fizeram nascer o espírito de professor em Dumangue, que hoje passa os ensinamentos da capoeira que mudaram a vida de diversas gerações de sãorremanos.

Hoje em dia, no entanto, o morador também relata problemas para acessar o campus através das portarias e também para ser atendido no HU.

– A gente falou de tudo agora, né. Crime, droga, mas falar da USP é a parte mais dolorosa. O que aconteceu com a USP, hein? A USP era meu quintal, eu não saia da USP, pegava o circular e passava o dia rodando. E come bolacha em um lugar, goiaba em outro, depois ia nadar, ia na raia, depois para o instituto das cobras, cuidava de carro. Voltava no final do dia, cheio de dinheiro, bem alimentado, divertido. Hoje não tem mais isso.

– Esses dias mesmo, fui fazer um treino na USP, cheguei lá o cara falou que eu não podia entrar. Eu só ia treinar. Os ‘boy’ param o carro e ficam fumando maconha lá onde é lugar de atleta. E, eu que sou atleta, nascido e criado aqui, não posso entrar. Essa parte é difícil. O HU a gente sempre teve tratamento, eu nasci no HU, já me curei de um monte de doença lá. Quantos alunos meus já quebraram o braço e foram tratados lá. Hoje é difícil.

Dumangue, como já foi dito anteriormente, conhecia Daniel, morador da São Remo que morreu na raia olímpica em 1997. Ele havia, inclusive, passado pela raia mais cedo, um pouco antes do incidente acontecer.

– Fomos mais cedo para a raia, mas viemos embora. A gente já estava na São Remo quando vieram uns moleques que estavam nadando na raia, falaram que os guardas chegaram e tiveram que fugir.

– Quando a gente chegou na raia, cheio de polícia, a gente não sabia o que fazer. Aí saímos de lá. Depois a gente fica sabendo que mataram o Daniel, que era amigo nosso. Aí a São Remo virou, né. Foram queimar ônibus na rua, teve protesto. Aí já viu. Foi triste, a gente sempre ia na raia. Nesse

dia não sei o que aconteceu, se o policial bateu nele e ele caiu dentro da água e desmaiou. Não sei.

Favela pede paz, lazer, cultura¹

Robson Souza Dutra é mais um sãorremano que teve uma infância parecida com a de muitos moradores da comunidade de sua geração. Filho de pais imigrantes – mãe baiana e pai mineiro –, que vieram para a São Remo em busca de melhores oportunidades, Robson nasceu no Hospital Universitário e frequentava o campus da USP com regularidade durante sua juventude, enquanto sua mãe trabalhava como terceirizada na universidade, mais precisamente no Instituto de Química.

Robson também lembra de passar boa parte de sua infância brincando na rua, como todas as crianças da comunidade, e conta que a situação começou a mudar com a inauguração do Circo Escola.

O morador, hoje com 41 anos, relata com orgulho ter feito parte da primeira turma do Circo, que trouxe novas oportunidades para a população da favela, com diversas aulas e oficinas de artes, teatro, capoeira e cursos profissionalizantes.

– A São Remo sempre foi aquela coisa de brincadeira na rua. As ruas eram de terra, a gente tinha essa liberdade, fazer fogueira. Era “nóis” por “nóis”. Aquela época ninguém sabia o que era assistência social, o que era cultura. Então quando veio o Circo foi doido, foi o primeiro braço que a gente podia ter em termos de equipamento socioeducativo do espaço.

– Quando veio o Circo Escola era “mó” novidade, né. Quando construiu

¹ Trecho da música “No Brooklin”, de Sabotage.

o Circo Escola o negócio bombou. Foram mais de mil matrículas. A galera mais nova ia de segunda, quarta e sexta, a galera mais velha ia de terça e quinta. Era muito louco. Tinha Circo, artes, teatro, capoeira, vários professores. Tem gente que trabalha em emprego até hoje que arrumou pelo Circo Escola, emprego bom.

Com uma relação tão próxima com o Circo, Robson também fala com tristeza – e até mesmo com certa indignação – do desmonte do programa, que, segundo ele, é “referência máxima” para a comunidade.

Sua filha, de oito anos, apesar de frequentar projetos como o Alavanca, por exemplo, não teve a oportunidade de participar do Circo Escola. E, para que ela e tantas outras crianças sãorremanas possam ter as mesmas oportunidades que ele teve, afirma que alguns moradores estão lutando na tentativa de retomar os tempos áureos do Circo.

– O Circo Escola é referência máxima, tem história, tem tempo. Aquela Iona tem um símbolo histórico para nós. Na última gestão caiu tanto o nível, os recursos, que no final tinha só um professor. Agora está desativado, estamos na luta para voltar. Estamos lutando, tentando ver o que dá para fazer, articular. Deixa essa eleição [municipal] passar e depois vamos para cima. A gente vai para cima. Inclusive, a gente tem interesse de, mais para frente, tocar essa parada e fazer as coisas.

– É muito triste ver fechado hoje em dia. É um direito das crianças que foi tirado, no sentido de ter uma infância de qualidade, ter um espaço para poder brincar, aprender. É maravilhosos esse espaço, não é a rua. Se abrisse de novo daria para fazer coisas para caramba, cinema para a comunidade... dá para viajar, fazer coisas grandiosas. E a gente está com sede.

Enquanto articula a volta do Circo, Robson também se engaja em outras frentes, como a Recomunidade, produtora musical que atualmente conta com 23 artistas de periferia, tanto da São Remo quanto de outras favelas da região, para “amplificar a potência musical da quebrada” – como diz o slogan de sua produtora.

O contato com a produção musical começou ainda na juventude, quando participava de uma banda e aprendeu, através de um amigo, a utilizar alguns softwares – obviamente obsoletos e com tecnologia bem atrasada quando comparado com os aparelhos de hoje em dia – para produzir as músicas do grupo.

Com o passar dos anos, a produção musical passou a ser democratizada com o avanço tecnológico dos computadores, que passaram a fazer coisas que antes só eram possíveis através de aparelhos profissionais.

Robson, então, investiu na compra de um Mac Book Pro para retomar as produções. O computador ficava no quarto de sua filha, onde ele e os amigos começavam a parceria com alguns artistas da São Remo. Como o trabalho era feito apenas com moradores da periferia, não era possível cobrar pelos serviços. “E de graça a conta não fecha”, explica o produtor.

Foi então que ele, em busca de novas alternativas para dar sequência ao projeto, tomou conhecimento de um edital da prefeitura, que iria financiar a produção de dez artistas locais. E foi esse o gatilho para que a produtora, ainda amadora, pudesse dar um salto de qualidade para se transformar na Recomunidade.

– Eu produzia com um amigo meu, meu parceiro de banda. Eu trabalhei um tempo com um produtor, ele me ensinou a mexer em uns softwares.

Depois veio essa onda do funk, a produção já tinha mudado, dá para fazer com computador. Aí convenci o pessoal a investir em uma máquina, um Mac Book Pro, aí a gente começou a produzir aqui no quarto da minha filha. Mas a gente é produtor periférico, os artistas também, então os caras não podem pagar, e de graça a conta também não fecha. Aí tive a ideia de ir na prefeitura.

– O projeto era produzir dez artistas do território, a gente produzia a música e um clip. Abrimos um edital, a galera se inscreveu. Depois que ganhamos, fomos procurar espaço para alugar aqui. Aí o Rafael, que é meu parceiro de banda, tinha parado com música, falou de uma casa para alugar. Aí entrou o Mamal aqui, que é outro sócio. Aí começamos a reformar, usando recursos do projeto.

Robson conta com orgulho que, como último ato da parceria com a prefeitura, a nova produtora teve a oportunidade de organizar uma amostra cultural no Cacilda Becker, tradicional teatro situado na Lapa, para apresentação dos novos artistas recém-produzidos.

A partir daí, o trabalho ganhou força para continuar. Parte dos artistas que já estavam com a produtora fecharam contrato, e aos poucos novas adições foram sendo feitas, chegando aos 23 artistas periféricos que atualmente compõem o quadro da Recomunidade.

– Os artistas que quiseram continuar a gente fez contrato, outros que já estavam no radar fomos chamando. Hoje, temos 23 artistas aqui na produtora, [estamos] aprendendo a fazer gestão, buscando conhecimento, articulação política, outros editais de fomento à cultura.

– Temos mais música urbana, funk e trap. Mas tem artista de piseiro, também estamos vendo um artista de sertanejo. Tem uma galera daqui, mas também pessoas de fora, de outras comunidades. Mais ou menos meio a meio.

Hip hop é estilo, é mente, é alma, o hip hop salva¹

Falando em artistas da São Remo e em música urbana, Black Nandão, de 51 anos, foi um dos pioneiros a aderir ao movimento do hip hop na comunidade, sendo um dos integrantes do grupo de rap Ideologia Fatal, que teve início em 1995.

Entrou no grupo através de seu irmão, que fundou o Ideologia Fatal ao lado de Mano Lyee – este último, integra o conjunto até os dias de hoje. Mas, sua história com o hip hop começa bem antes.

Black Nandão se mudou para a São Remo ainda na infância, com cerca de quatro anos de idade, ao lado do irmão e de sua mãe, que, na época, trabalhava como empregada doméstica e cozinheira. A mudança, conta o rapper, só foi possível com a ajuda de um professor da USP, o “professor Teixeira”.

– A USP estava se formando, não era isso que é hoje. Era matagal, tinha uns “predinhos”. Mas tinha um pessoal bom, uns professores. Um professor, que minha mãe chamava de Teixeira, ajudou muito ela. Segundo ela, dava enchente lá onde a gente morava, em Osasco. Aí esse professor Teixeira ajudou ela a vir para cá.

– Aqui era tudo mato, tudo de terra, não tinha saneamento, luz.

¹ Trecho da música “Zona Oeste chega assim”, do Ideologia Fatal.

Imagina um matagal e uns barraquinhas crescendo. A gente pegava água lá perto do Hospital [Universitário]. Minha mãe subia para pegar. Luz era de candeeiro. Então foi a vida toda aqui.

Apesar do fortalecimento do rap no final da década de 1980 e início da década de 1990 nos Estados Unidos, acompanhar o movimento do hip hop do Brasil não era tarefa simples sem a tecnologia dos dias de hoje e, consequentemente, exigia certo investimento financeiro para acesso aos discos e novos aparelhos de música, importados, que começavam a aparecer na época.

Então, através de um amigo que “tinha mais condições”, foi conhecer e se apaixonar pelo rap com o programa Yo! MTV, no qual a emissora norte-americana reunia grupos de hip hop à medida que o gênero ganhava cada vez mais força e adeptos nos Estados Unidos.

– Quando eu era pequeno a gente não tinha condição, então só tinha um radinho de pilha. Eu fui me apaixonar pelo rap com o Yo! MTV. Antes não tinha essa tecnologia de hoje. A gente conhecia um moleque que tinha mais condição, e ele tinha um conversor para a gente assistir o Yo!. Quando comecei a ver esses clipes de rap dos EUA, Tupac, Wu-Tang Clan, Eazy-E, eu ficava doido. Eu falava: “Quero andar desse jeito aí”. Mas, na época, eu não “trampava”. Aí demorou um tempo para eu começar a “tramar”, aí comecei a comprar minhas coisas. Quando comprei minha primeira calça larga não parei mais (risos).

Mas o início da vida profissional de Black Nandão não foi fácil. Através do mesmo professor Teixeira, arrumou um emprego em uma empresa na região da Paulista, como office boy, ainda com 17 anos de idade. Mas, na

época, descobriu que tinha anemia falciforme, uma doença genética hereditária que se caracteriza por uma mutação na hemoglobina.

– Comecei a trabalhar de office boy na Paulista. Inclusive foi esse professor Teixeira que arrumou. Eu ia completar 18 anos, era menor de idade ainda. Eu tenho anemia falciforme, mas o diagnóstico da minha doença não era muito bom, eu não sabia muito bem o que eu tinha. Comecei a trabalhar, mas quando deu um ano, saíram umas feridas na minha perna, fiquei mal. Foi uma época boa, mas foi difícil. Fiquei doente, fiquei internado e tive que sair da firma.

Entre essas internações, mais uma vez o Hospital Universitário se colocou como um agente importante para auxílio dos moradores da comunidade no passado, realidade que se apresenta diferente nos dias de hoje.

– Fiquei internado várias vezes aí no HU. Quando eu descobri, fui internado no Hospital das Clínicas e depois vim para cá. Agora não atendem mais, para atendimento básico tem que procurar outra coisa.

– Depois fiquei melhor, fui trabalhar em Pinheiros, de auxiliar de escritório, tinha feito um curso de datilografia, mas fiquei doente de novo e fui internado. Era todo ano. Depois fui trabalhar de auxiliar de serviços gerais na USP, mas fiquei doente de novo.

Diante da impossibilidade de se manter em um emprego fixo, ficou sabendo, enquanto trabalhava como “limpa vidro” no Instituto de Física da USP, que poderia dar entrada na aposentadoria por invalidez, algo que não tinha conhecimento na época, quando o acesso à informação, obviamente,

era muito mais escasso do que nos dias de hoje, sem a internet e os smartphones disponíveis atualmente.

– Fiquei sabendo que poderia dar entrada no INSS. Na época eu não sabia que poderia me aposentar. Na época as informações eram escassas. Hoje em dia está muito fácil, o menor que não quiser trabalhar hoje é por preguiça. Aí eu dei entrada, fiz três perícias e a médica viu que eu não tinha condição de trabalhar. Aí aposentei.

O início do Ideologia Fatal também não escapou de certas dificuldades, no momento em que o hip hop, em geral, era estereotipado como “coisa de ladrão”.

– Quando a gente começou [o grupo], o pessoal não aderia muito ao movimento [do hip hop]. Teve que ser na raça, fazer evento na rua para a galera prestigiar o que era hip hop. Antes tinha muito preconceito, falavam que rap era coisa de ladrão. Hoje em dia está mais acessível. Mas quando começamos era difícil fazer os eventos.

Hoje em dia, para além das músicas, gravações e dos shows, o grupo também concentra sua ação em uma vertente social, característica marcante do rap tradicional brasileiro. Com saraus e eventos em prol da comunidade, o grupo tenta passar os valores do hip hop para as crianças, para que respeito, educação e muito trabalho duro sejam os pilares da futura sociedade sãorremana.

– A gente se juntou e começamos a fazer show. Mas fazemos o social também. Fazemos o sarau de composição urbana, a gente faz ali no Jardim do Éden. Fazemos umas atividades aqui na São Remo, saraus, eventos, tudo

em prol da comunidade. No sarau a gente mistura rap, reggae, MPB, outros gêneros musicais. Vem outras pessoas de fora para prestigiar, outros artistas, já trouxemos o Facção [Central], um monte de grupo. Meu sonho é trazer o Dexter, mas é muito caro, é difícil a comunicação também. Mas quem sabe um dia a gente não traz. Quando a gente arruma uns trocos a gente faz. Quando fomos contemplados com um edital para fomento da periferia, aí conseguimos trazer esses artistas.

– O rap é um instrumento de salvação, né. A gente passa a educação, é um estilo de vida, para a molecada respeitar o pai e a mãe, ir para a escola, estudar, ler, se formar. E passar sempre os valores da cultura hip hop, que é o rap, o MC, o break, o grafite e o DJ.

Black Nandão não esconde suas maiores referências no rap. Na geladeira de sua casa, não são poucos os adesivos de nomes como Racionais MC's e Sabotage – grupos que emprestam suas letras para muitos dos títulos dos capítulos que aparecem neste livro –, uma geração que carregava suas músicas com lições de vida para as crianças, na tentativa de construir uma sociedade mais justa e igualitária, algo que foi perdido com o tempo e atualmente não norteia as novas vertentes de rap que inspiram os jovens de hoje.

– A gente começou com os artistas certos. As referências de hoje não acho muito “daora”, mas também não critico. Mas os caras não querem mais falar da pegada social, só querem falar de droga, cachaça, rolê, difamar a mulherada. Quando tem funk aqui é complicado, desvalorizando a mulherada, né, com esse negócio de putaria.

– O funk dá trabalho né [risos]. O pessoal que mora lá para cima sofre com os bailes, todo final de semana o som fica até de manhã. O pessoal dá

trabalho. A molecada hoje em dia não é igual a gente era. A gente sempre compreendeu o outro lado. Hoje os moleques não querem saber de mais nada. E para quem trabalha é difícil. Muita gente vendeu a casa lá por causa do barulho. Mas, hoje, em toda quebrada é isso. Não tem muito para onde correr.

Mas, apesar de avaliar que a juventude sãorremana não tem o mesmo respeito de antigamente, Black Nandão também reconhece que o crime diminuiu na comunidade, onde os assassinatos eram bem mais comuns no passado – avaliação que é bem parecida com outros relatos aqui exibidos.

– Antigamente tinha aquele negócio do crime, né. A lei da favela. Aí amenizou, né. Teve o PCC que entrou. Antigamente, cada final de semana tinha um corpo nas vielas. Hoje em dia está mais sossegado. A política também não vem mais aqui, só em emergência, mesmo [risos]. Não acho perigoso igual antigamente, está mais sossegado.

As condições de infraestrutura da favela também melhoraram com o tempo, obviamente, com ruas asfaltadas, energia elétrica, água encanada e a transformação dos barracos de madeira em casas de tijolo. Para Black Nandão, atualmente também existem muitos projetos sociais para as crianças da comunidade, algo que não era visto com tanta frequência há algumas décadas.

– Veio asfalto, luz, todo mundo tem condições de construir uma casa, de tijolo e tal, antes era tudo de madeira, e foi mudando, foi crescendo. Hoje em dia tem bastante gente.

– Aqui é uma comunidade bem articulada, como tem a USP, tem bastante projeto. Hoje em dia tem o Alavanca, o Girassol. O Circo Escola

fechou, né. Está nesse impasse, se o governo ajuda ou não ajuda. Tem a quadra, que é um projeto poliesportivo, o Riacho Doce, do Dumangue, tem o projeto da dona Fatinha. Mas antigamente não tinha. Hoje em dia tem mais coisa para a molecada.

Os relatos de Black Nandão sobre a relação entre USP e São Remo também se assemelham com os de outros moradores em muitos aspectos.

Assim como a grande maioria dos sãorremanos, passou sua infância no campus da cidade universitária, onde frequentava para ter acesso a lazer e cultura. Mas, em sua avaliação, tudo começou a mudar com a construção do muro que separa as duas comunidades e das portarias para acesso, com horários que dificultam a vida dos moradores que precisam atravessar a catraca para chegar do outro lado.

– A USP era muito boa, a gente brincava lá o tempo todo. No relógio [solar] tinha um campo, a gente soltava pipa. Perto da prefeitura a gente ia no bosque. Tinha umas rampas lá, de domingo era uma atração, todo mundo ia brincar lá, andar de bicicleta, todo mundo caía (risos). A gente ia nadar, era perigoso mas a gente ia. Eu falo que era como um Playcenter, a gente não saía de lá, nossa infância toda foi dentro da USP. Não tinha outro lugar para ir. Hoje está menos. Antes o pessoal de todas as quebradas vinha para cá.

– Hoje tem esse negócio do muro, né, está mais restrito. Segurança também embaça, né. “Vai para onde? Vai fazer o que lá”, ficam perguntando. Aí a molecada já não vai. Imagina tudo aberto, sem muro? Era só uma cerquinha, você entrava e saía a hora que quisesse. Agora o muro cerca a USP toda.

Ainda que afirme que a relação entre a universidade e a São Remo tenha mudado para pior, Black Nandão avalia que a história por trás do muro “tem dois lados”. Ele reconhece que, antes de sua construção, estavam acontecendo “coisas deselegantes” na USP, e que o muro foi uma tentativa de coibir esse tipo de comportamento.

E, como já foi explicitado em capítulos anteriores, a morte de Daniel, obviamente, teve um papel importante para a situação atual – Daniel ou D.P.A., como Nandão chamava seu amigo durante a juventude.

– Tem dois lados, né. Aconteceu umas coisas deselegantes lá. Tinha um pessoal que ia lá e furtava os alunos, então é bem complicado. Então o muro acho que foi para inibir isso. Mas isso não era só aqui, né? Pessoal de fora também fazia. Mas nisso a gente não tem como interferir, a gente não tem esse poder.

– Daniel, o D.P.A., de Daniel Pereira de Araújo, ele pichava comigo [risos]. Ele estava nadando, o segurança foi lá embaçar, eles não quiseram sair. Aí parece que pegaram e afogaram o moleque. A USP falou a versão deles, que ele se afogou. Mas aí descobriram que o segurança que afogou ele. Aí começou um quebra-quebra, teve mó confusão. Quebraram uma parte lá da reitoria, queimaram “busão”. Aí de raiva colocaram a catraca no muro.

Mas, apesar dos muitos altos e baixos, Black Nandão acredita que, atualmente, os seguranças que ficam nas portarias melhoraram o trato com os moradores, algo que contribui para uma relação mais pacífica. Além disso, afirma que, nos dias de hoje, mais alunos e professores da USP se interessam pela São Remo e tentam ajudar a comunidade de alguma forma, o que, para ele, representa uma melhora na interação entre as duas populações.

– Hoje em dia, dependendo do segurança, está melhor. Mas uma época estava complicado. Ficavam falando que não podia [entrar]. Eu não vou muito, mas parece que melhorou um pouco.

– Agora o pessoal da USP está sempre aqui, querendo saber das histórias, ajudar a gente de uma forma ou de outra. Acho bem legal essa interação com a USP.

Por conta da anemia falciforme que o acompanha desde a juventude, Black Nandão já ficou internado no HU algumas vezes. Mas, um outro desdobramento da doença foi o aparecimento de feridas em seu corpo, que não cicatrizaram até os dias de hoje. Para cuidar dos ferimentos, precisa trocar os curativos periodicamente, mas isso é algo que não consegue fazer atualmente no HU.

A outra opção mais próxima seria a UBS São Remo, mas lá ele também conta que não encontra atendimento para seu problema. Por enquanto, está conseguindo pagar uma clínica particular para cuidar de seus ferimentos, mas mostra preocupação por não saber por quanto tempo poderá continuar com o tratamento.

– Tenho essas feridas desde 1989/90. Eu ia completar 18 anos. Por conta da anemia falciforme estourou duas bolhas no pé, teve que cortar, aí depois a ferida não cicatrizou mais. Fiz dois enxertos de pele no HU na época, não pegou, e está aberto ainda, por isso tenho que fazer curativos.

– Eu tenho úlcera na perna, tenho que fazer curativo. Aí no HU falam que eu tenho que ir na UBS. Quando chega na UBS não tem as coisas também, não dá em nada. Mas no HU é só o básico do básico. Aí, agora,

graças a Deus, ganhei uma verba com um projeto, aí fui pesquisar uma clínica particular para fazer os curativos. Não sei até quando vou conseguir fazer, porque é muito difícil de cicatrizar, então preciso de um suporte. Vamos ver como vou fazer agora. Porque a USP não atende mais, vou tentar passar na USP de novo para ver se eles me mandam para o HC. Na UBS não tem as coisas, a moça fala que não tem vaga, é mal atendimento, é complicado.

Homem na estrada

“Um homem na estrada recomeça sua vida
Sua finalidade, a sua liberdade
Que foi perdida, subtraída
E quer provar a si mesmo que realmente mudou
Que se recuperou e quer viver em paz
Não olhar para trás
Dizer ao crime, ‘nunca mais!’
Pois sua infância não foi um mar de rosas, não”¹

Adriano Monteiro de Oliveira, de 38 anos, é mais um homem na estrada – este, nascido e criado na São Remo, filho de pais mineiros que vieram para São Paulo para trabalhar na construção da Faculdade de Medicina Veterinária da USP, fato que fez com que se instalassem nas proximidades da região.

Adriano conta que, quando era pequeno, sua família teve de se mudar, ainda na São remo, mas para uma outra casa, por conta da expansão do campus da cidade universitária.

– Nasci aqui na São Remo. Quando eu nasci, a gente morava lá onde era a Veterinária da USP. Mas a USP ampliou o espaço deles, retirou todos os moradores que estavam lá e passou a gente para essa outra parte aqui da São Remo.

¹ Título do capítulo e trecho de introdução fazem referência à música “Homem na estrada”, dos Racionais MC’s.

– A maioria ali não tinha um emprego fixo. A USP pediu o espaço. Mas meu pai se aposentou na USP através disso. Passaram o pessoal para cá e já ofereceram um emprego para ele. Nessa época não precisava de concursos. Então muitos desses funcionários antigos entraram nessa época.

Com a mudança, o pai de Adriano passou a trabalhar na Prefeitura do campus, fazendo serviços de pedreiro e de manutenção, onde ficou por mais de 30 anos, até se aposentar. E, foi assim que ele criou seu filho, que teve uma infância parecida com a de muitos jovens da época.

Adriano conta que, pouco antes de concluir seus estudos, teve de servir o exército. Mas, quando saiu, optou por não concluir o ensino médio. 15 dias depois, seu irmão, ainda jovem, sofreu um acidente e acabou vindo a óbito, afogado em um rio em Santana de Parnaíba.

O episódio, obviamente, abalou a família. Seus pais, em dificuldades financeiras e emocionais, fizeram empréstimos para conseguir pagar as despesas do velório. Foi aí que apareceu uma oportunidade traiçoeira que mudaria para sempre a vida de Adriano – mas que ele faz questão de contar para que possa servir de lição para outras pessoas da comunidade.

Um grupo de amigos resolveu assaltar um restaurante no bairro do Jaguaré. Precisavam de um motorista para executar o plano e convidaram Adriano, que, em desespero e em um momento conturbado de sua vida, acabou aceitando.

Adriano ficou no carro, do lado de fora, enquanto os outros rapazes entravam no restaurante para pegar as carteiras e chaves de carro dos clientes que comiam no estabelecimento. Mas não contavam que um desses clientes era da polícia.

Quando perceberam a infeliz coincidência, saíram correndo para fugir. Adriano, do lado de fora do restaurante, não fazia ideia do que acontecia lá dentro. Foi então que a viatura da polícia chegou no local e se deparou com o jovem, sozinho, dentro do carro.

– Eu quero contar isso, porque isso serve de aprendizado para outras pessoas. Eu servi o exército, fiquei um ano e oito meses no quartel. E, quando a gente sai de lá, sai sem nada. E quinze dias depois meu irmão faleceu, morreu afogado em um rio, em Santana de Parnaíba. Meus pais ficaram desesperados, acabaram pedindo dinheiro emprestado para poder pagar o velório. Fiquei meio atordoado. Nunca tinha roubado nada. Meu irmão morreu no dia 9 de janeiro. No dia 23, no desespero... uma mulher da macumba me avisou para eu não ir, que iam me matar ou eu ia ser preso, mas eu fui.

– Um colega me chamou, eles iam roubar e não tinha motorista. Eu fui. A gente foi roubar um restaurante de comida japonesa no Jaguaré. Eu nem entrei. O policial estava jantando lá dentro. Os meninos tiraram a carteira de todos, chave do carro, aí, na confusão, caiu o documento do cara e viram que era policial. Aí chamaram a viatura. Eu não sabia o que estava acontecendo. Quem estava lá dentro conseguiu fugir, mas, quando a viatura chegou, eu estava no carro.

Como resultado, foi condenado a 12 anos de prisão. Seu advogado conseguiu reduzir a pena algumas vezes, chegando a quatro anos, que seriam cumpridos na penitenciária de Reginópolis.

Adriano lembra de cada momento dos “três anos, dois meses e 15 dias” que passou lá, assim como das muitas experiências que não deseja nem para seu pior inimigo.

– Eu fui condenado a 12 anos. O advogado conseguiu reduzir para oito. Fiquei seis meses no DP e depois me mandaram para Reginópolis. Quando chegou lá o advogado conseguiu quebrar para quatro anos. No total fiquei preso três anos, dois meses e 15 dias.

– Lá eu passei fome, tomei água com rato morto, comia comida azeda. Morei em uma cela onde três pessoas morreram queimadas, por treta lá dentro, rebelião que teve. Eu dormi em uma cama onde uma pessoa tinha morrido de tuberculose, fiquei no desespero de pegar, ficar doente, com medo de entrar em depressão. Meu pai tem depressão até hoje, porque foram dois baques no mesmo mês [a morte do irmão e sua prisão], ele toma remédio até hoje. É uma coisa que não desejo nem para o meu pior inimigo. Lá você chora e a mãe não vê, ninguém vai passar a mão na sua cabeça.

Mas, a experiência no presídio, que poderia ser desastrosa e ter consequências lastimáveis para seu futuro, acabou sendo positiva para Adriano. Ele conta que, quando chegou na penitenciária, prometeu para si mesmo que faria de tudo para sair de lá o mais rápido possível.

Então, começou a trabalhar, para ganhar redução de pena, negou outros convites para “coisas erradas” e, principalmente, começou a “escutar a palavra de Deus”.

– Quando eu entrei lá, falei que ia fazer de tudo para sair. Então comecei a trabalhar, fazia calça jeans, costurava bola. Trabalhei um ano e três meses e ganhei nove meses de redução. Muitos colegas meus saíam

para fazer coisa errada, mas eu não queria. Eu ia para a fábrica de calça jeans e trabalhava. Foi doído, mas aprendi muito.

– Hoje eu sou evangélico, antes eu não tinha religião. Lá eu aprendi bastante, porque eu escutava bastante a palavra de Deus, lia a bíblia. Muitas vezes a gente está perturbado, com o demônio falando para você fazer coisas que não deve. Muitas pessoas que conheço, já saíram de lá convertidas.

Quando saiu da cadeia, em 2011, Adriano arrumou, através de sua mãe, um emprego na FEA, como auxiliar de jardinagem, e depois foi trabalhar na lanchonete da FAU.

Hoje em dia, que “não deve mais nada para a sociedade”, abriu seu próprio negócio, de transporte escolar. Comprou sua própria van e leva todos os dias dezenas de crianças para as escolas da região, profissão que ocupa há oito anos.

– Assim que eu saí voltei a trabalhar. Minha mãe me arrumou um emprego na FEA, como auxiliar de jardinagem. Depois trabalhei como encarregado de lanchonete da FAU. Saí em 2011, de lá para cá só venho trabalhando, já arquivei o processo, não devo mais nada.

– Mas, hoje em dia, trabalho com transporte escolar. Eu comprei minha própria perua e já trabalho há oito anos com transporte escolar. Trabalho com escola e também faço particular, às vezes levo um pessoal para viajar.

Adriano também é casado há 16 anos e tem uma filha de quatro anos. Sua esposa tem mais dois filhos e duas netas. Seu objetivo, hoje em dia, é dar uma boa condição de vida para sua família.

– Eu sou casado há 16 anos, tenho uma família de quatro anos. Minha esposa tem mais dois filhos e duas netas. E a gente trabalha hoje com transporte escolar. Então, saí do zero e olha onde eu vim parar?

– Eu estou fazendo por ela [minha filha] o que meus pais não tinham condição. Ela tem quatro anos, já tem bicicleta, um carrinho. Eu fui ganhar minha primeira bicicleta com doze anos. Eu só quero o melhor para ela. Quando ela for maiorzinha, talvez pagar uma escola particular para ela.

Adriano avalia a São Remo como uma comunidade “tranquila”, que, como todo lugar, tem seus “altos e baixos”, mas afirma que pretende passar o restante de sua vida morando na região, tendo a segurança como principal diferencial para tal pretensão.

– Das comunidades aqui da região, a São Remo é a comunidade mais tranquila. Toda comunidade tem seus altos e baixos, mas eu não me arrependo de morar aqui. Por mim eu nunca vou sair daqui. Porque aqui tem segurança, se você mora em outro lugar você acaba sendo assaltado, mas aqui não tem isso. Tem o batalhão aqui do lado e não tem atrito do batalhão com a comunidade.

– Tem coisas boas e coisas ruins, toda comunidade tem. Mas eu nem gosto tanto de falar das coisas ruins, porque querendo ou não é um aprendizado muito grande. Antigamente era bom por não ter tanto pancadão, baile funk. Mas, agora, de domingo para segunda, a situação é meio crítica. Muitas pessoas estão se mudando por conta disso. Porque ninguém aguenta. Mas essa mudança já vai da própria comunidade entrar em bom senso com o pessoal que faz o pancadão. A quadra hoje a gente não tem mais, infelizmente, por conta do pancadão.

A relação entre USP e São Remo, por outro lado, Adriano acredita que poderia ser “muito melhor”. E, para ele, o grande embate entre as duas comunidades se dá por questões de território – até mesmo por conta de sua experiência pessoal, quando teve que se mudar em função da expansão da USP.

– Aquele campo de futebol é um embate entre a USP e a São Remo, porque a USP cedeu o terreno, mas ao mesmo tempo falam que não. O projeto era para fazer um campo de grama sintética, colocar uns brinquedos para as crianças brincarem, porque aqui na comunidade não tem nada para as crianças. A prefeitura sempre fica nesse embate com a São Remo.

– Eles queriam liberar o terreno, mas embaixo tinha uma cláusula que se, depois, eles quisessem pegar de volta o campo, eles iam pegar toda a comunidade de volta. Imagina, lá tem muita casa. Aí depois de cinco anos eles vêm e tiram todo mundo. Graças a Deus o advogado viu e falou para a gente não assinar. No Sem Terra acho que tem mais de 18 anos que eles não mexem, só que fica nesse embate, vai tirar, não vai tirar.

Para ele, o morador da São Remo é muito “malvisto” pela USP, principalmente por conta da morte de Daniel, que acarretou em protestos, propriedades depredadas e dificuldades cada vez maiores para o acesso dos sãorremanos à cidade universitária.

– A gente para a USP é muito malvisto, por conta de uma morte que teve lá dentro. Até hoje a gente não entende o que aconteceu. Algumas crianças daqui foram nadar na raia olímpica e um dos seguranças pegou e desapareceu com um dos meninos. E essa criança apareceu depois dentro da água. Afogaram ele. Depois disso aconteceu muitas coisas. O pessoal

daqui, em protesto, quebrou ônibus, teve ônibus queimado, muitas coisas da USP foram depredadas, os portões de acesso até ficaram fechados.

– Hoje em dia, final de semana, que era livre, agora eles fecham. Só entra quem tem carteirinha. De uns quatro anos para cá que começaram a colocar o horário de fechamento do portão. Antes as portarias ficavam abertas de final de semana, as crianças iam brincar, jogar bola. A gente tinha um acesso livre, mas ao mesmo tempo a gente cuidava. Muitas das árvores que tem lá foram pessoas da comunidade que plantaram, jogava uma semente de alguma coisa e nascia.

Adriano ainda avalia que, muitas vezes, a universidade acaba tratando os moradores da comunidade “como vândalos”, na maioria dos casos sem um motivo real para isso. Ele também relata que já teve problemas para acessar o campus durante a pandemia, quando estava correndo, de máscara, e seguranças da guarda universitária tentaram expulsá-lo “à força”.

– A única que mais deveria mudar mesmo é o acesso para a USP. Muita gente não tem carro nem bicicleta para ir para os parques maiores, o único acesso é a USP. De final de semana fica vazia [a cidade universitária], mas a gente não pode mais entrar depois das 14h. Quando você pega um segurança mais chato ele fica perguntando se é estudante, o que quer fazer ali.

– Eu cheguei a passar situações na pandemia. Eu gosto de correr, teve um dia que eu estava correndo, de máscara, e os seguranças queriam me tirar lá de dentro à força. Perguntei o motivo, porque tinha muita gente correndo lá. Só quem é da comunidade que não pode? Vixi, chamaram um monte de viatura, falaram que iam me acompanhar até a saída. Me acompanharam, mas falei que ia terminar o percurso, com eles me

acompanhando. A única coisa que a gente queria é que a universidade não tratasse a gente como vândalos, porque para eles nós somos vândalos.

Para o futuro, o morador acredita que a relação entre USP e São Remo pode ser melhor. Enquanto sonha em dar uma educação de qualidade para sua filha, ele vislumbra o dia em que a Universidade de São Paulo irá oferecer cursos ou oficinas para as crianças sãorremanas, nas inúmeras faculdades dentro da cidade universitária.

– A USP deveria se unir mais com a gente, pedir o espaço para poder fazer alguns projetos, oficinas. Já pensou? Poderiam chamar a população para aprender lá, jornalismo, administração, para as crianças já começarem a aprender. Mas muitas coisas eles cortaram devido aos fatos que aconteceram.

Você é do tamanho do seu sonho¹

Andreia nasceu em Minas Gerais e veio para a cidade de São Paulo com a avó, aos quatro anos de idade, mas não se mudou logo para a São Remo. Passou muitos anos morando na zona Sul da capital paulista, onde teve seu primeiro filho, Ian, que foi logo diagnosticado com meningite, ainda em seu primeiro ano de vida.

O tratamento de Ian, que se dividia entre acompanhamento médico e sessões de fisioterapia e fonoaudiologia, era todo feito na USP. Para chegar no horário das consultas e sessões, Andreia e seu filho acordavam cedo, ainda de madrugada, e levavam cerca de duas horas para chegar na universidade.

E, foi por isso que Andreia acabou se mudando para a São Remo com seu filho doente, no ano de 2004, para que o acesso ao Hospital Universitário e aos tratamentos que ele necessitava fosse facilitado. Ian, infelizmente, faleceu aos dez anos de idade, mas, mesmo depois de 15 anos da morte de seu primeiro filho, Andreia continua na comunidade.

— Eu nasci em Minas Gerais, vim para São Paulo nova, tinha quatro anos, vim com minha vó. Ela criava um monte de neto, aí viemos aqui para melhorar de vida. Primeiro morei na zona Sul, depois vim para a São Remo, estou aqui desde 2004. Eu tive um filho que teve meningite, eu vim morar na São Remo por conta disso. O Ian teve meningite e todo o tratamento

¹ Trecho da música “Sou + Você”, dos Racionais MC’s.

dele era aqui dentro da USP, no Hospital Universitário, fisioterapia, fono, era tudo na USP. Aí o lugar mais acessível para mim foi a São Remo.

– Ele tinha um ano e oito meses, foi quando ele contraiu a meningite. Ele teve paralisia cerebral, então ficou totalmente dependente, não falava, não andava, ele convulsionava muito. E aqui a gente já estava praticamente dentro do HU, então isso me ajudou bastante. Ele faleceu com dez anos, já faz 15 anos, ele teria 25 anos hoje. Mas vir para cá foi muito bom, a qualidade de vida foi boa. Antes a gente pegava condução, gastava duas horas para chegar na USP, acordava de madrugada para fazer fisio. Mas o atendimento aqui era maravilhoso no Hospital Universitário, não posso reclamar.

Na época, Andreia não tinha um emprego fixo, mas fazia “bicos” para sustentar seu filho. Após a morte de Ian, resolveu abrir seu próprio negócio, como cabeleireira, profissão na qual se encontra até os dias de hoje – para poder cuidar de seu outro filho, Caio, que hoje está com 16 anos, sempre atendeu as clientes em sua casa.

Mas, para além de Caio, a cabeleireira também cuidou de várias outras crianças, que acabavam sendo adotadas como filhos de Andreia. Atualmente, cinco crianças moram em sua casa, apenas Caio é seu filho biológico.

– Eu fazia bico. Fazia bolo de aniversário, pão, fazia unha, cabelo, para ajudar nas despesas, mas não tinha horário fixo, era bico. Aí, depois que o Ian se foi, eu me fixei como cabeleireira e vendedora de roupas e cosméticos. Tem cinco crianças aqui, mas meu é só um. Quatro não são meus. Eu tenho um filho de 16 anos, ele tinha um ano quando o Ian faleceu. Os outros que estão aí são meus primos, que me chamam de tia. Já criei um monte de

gente, igual esses aí já passaram muitos por aqui. Uma filha que eu criei já é formada, casada, tem a vida dela.

Mãe solteira e com cinco crianças em casa, Andreia se sente bem morando na São Remo, e considera a segurança como ponto forte de morar na região. Além da segurança, ela conta que foi muito acolhida na comunidade e sempre teve ajuda de outras mulheres sãorremanas, principalmente enquanto seu filho mais novo, Ian, ainda estava vivo.

– Eu gosto muito de morar aqui. Eu moro de aluguel, mas aqui você tem segurança. Eu, particularmente, gosto muito de morar nessa rua. É super tranquilo, minhas crianças brincam aqui, sem medo de acontecer nada, não tem problema nenhum. Minhas irmãs já saíram daqui, uma se arrepende, porque é uma tranquilidade, você não tem medo, se andar lá fora você tem medo de ser roubada. Quando você entra aqui, tem sossego. Quando eu vim era mais tumultuado, tinha muito funk, muito barulho, mas a gente sempre se sentiu muito seguro.

– Eu fui muito ajudada quando tinha meu filho doente, que convulsionava de madrugada, para me ajudar a empurrar a cadeira de rodas. Tinha que subir tudo aqui, correndo, tive pessoas maravilhosas aqui que me ajudaram. Fui muito acolhida. As mulheres são unidas aqui, uma ajuda a outra.

Andreia fala com muito orgulho de seu filho. Caio quer fazer medicina na USP e, para realizar seu sonho, desde sempre foi muito aplicado nos estudos. A mãe conta, inclusive, que ele aprendeu a falar inglês sozinho, língua que estuda cerca de duas horas por dia para se aperfeiçoar – porque também tem como sonho morar fora do país, “em algum lugar com neve”.

– Meu filho quer fazer medicina na USP. Está estudando para isso. Vai prestar Enem esse ano. Vamos ver, medicina é difícil. Mas ele é aplicadíssimo, ele estuda inglês sozinho, ele é muito esforçado. O sonho dele é morar fora. Ele queria estudar no Canadá, mas a gente não tem condição financeira. Mas ele quer ganhar o mundo. Ele quer se especializar no inglês, ele fala muito bem, aprendeu sozinho. Ele estuda todo dia duas horas de inglês.

A cabeleireira também exalta os diversos projetos sociais que existem para as crianças sãorremanas. Caio, desde pequeno, frequentava o Alavanca, onde, segundo a mãe coruja, aprendeu a desenhar “muito bem” com a cartunista Laerte Coutinho.

O garoto também frequenta o Ski na Rua, ONG criada em 2012 e que oferece aulas gratuitas de rollerski para as crianças sãorremanas. Através do projeto, já foi para a Coréia do Sul esquiar e tem como meta, um dia, chegar a disputar as Olimpíadas de Inverno, feito que outros jovens do roller já conseguiram.

– Meu filho desenha muito bem, ele aprendeu lá no Alavanca, com a Laerte. O Alavanca é maravilhoso, ajuda muito a gente, ajuda até hoje. Sempre usamos muito o Alavanca. Meu filho desenha muito bem, acabou que ele até ajudava a Laerte a ensinar as outras crianças.

– Meu filho faz o roller, ele já foi para a Coréia do Sul esquiar. O sonho dele é ir para as Olimpíadas [de inverno]. E a viagem foi toda pelo projeto, a gente não gastou um centavo, ele já ganhou várias medalhas. E, agora, esses meus pequenos, que eu cuido também, vão entrar no roller também.

Andreia, que também fez um curso para mulheres empreendedoras no Alavanca, exalta a importância dos projetos sociais para a comunidade. Para as muitas mães solteiras da região, ter um lugar onde seus filhos possam ficar depois da escola, recebendo educação de qualidade, é um diferencial muito importante em um lugar como a São Remo, evitando que os jovens passem os dias nas ruas, enquanto suas mães estão longe de casas, trabalhando.

Mais do que isso, para os jovens as ONGs também representam cuidado, atenção e oportunidade – oportunidade de estudar, aprender e, sobretudo, sonhar.

– Esses projetos aqui salvam vidas, para nós que somos pobres. Quando o Ian morreu, eu optei por trabalhar de casa para educar o Caio, mas quantas mães têm essa oportunidade? Tem mãe que fica fora o dia todo, nem vê os filhos. Se não tem nenhum projeto, eles ficam fazendo o quê? Ficam na rua, aprendendo o que não deve. Ou então na TV e no celular o dia todo, viram crianças ansiosas, ociosas. Esses projetos sociais salvam vidas para nós.

– No Alavanca participei de um projeto de mulheres empreendedoras, me ajudou muito na pandemia, fiz empréstimo, paguei, terminei de pagar já. Para a gente, que é mãe solo, que trabalha por conta, é muito importante [...] Como uma mãe com cinco filhos fala que vamos todos para os Estados Unidos, para a Disney? Como vai conseguir? Através do esporte podemos conseguir, então são sonhos. Meu filho adorou viajar, ficou encantado. Se esforça para ser bom e poder chegar nas Olimpíadas.

Apesar dos projetos, a vida na comunidade, obviamente, tem seus desafios. E, como em todos os lugares, a pandemia da Covid-19 representou um momento angustiante e de muitas dificuldades.

Durante os períodos de isolamento, Andreia não tinha como atender suas clientes. Com a queda substancial no rendimento mensal da casa, decidiu vender pão para seus vizinhos e no Hospital Universitário, na tentativa de sustentar seus filhos.

As crianças, por outro lado, estavam sem aula e passavam o dia todo em casa. Com tanta incerteza e insegurança, a moradora conta que passou por momentos difíceis, mas agradece toda a ajuda recebida para atravessar essa situação.

– Na pandemia eu entrei em desespero. Não sabia como ia sustentar meu filho, comprar comida, pagar aluguel. Eu comecei a vender pão no HU, para o povo aqui, foi o que me ajudou, porque não dava para atender uma cliente. E a Catarina, da CUFA [Central Única das Favelas], ajudou muito com as cestas básicas. Ela me ajudou muito, matou minha fome, ajudou a sustentar meus filhos na pandemia, com as cestas básicas.

– As crianças não tinham aula, ficavam dentro de casa o dia todo. Sempre em casa todo mundo come mais. Eu não deixava eles irem para a rua de medo, então ficavam o dia inteiro aqui, vendo TV, jogando videogame e comendo muito. Foi desesperador. Eu surtei, fui parar no hospital, com tontura, náusea. A médica falou que era estresse. Eu tinha que tomar uns remédios, não tomei. Mas, graças a Deus, sobrevivemos.

Assim como a grande maioria das mães sãorremanas, Andreia costumava levar seus filhos para brincar na cidade universitária. E, também como a grande maioria dos moradores da comunidade, ela lamenta a construção do muro e a dificuldade para acessar o campus.

– A gente ia muito de domingo, para as crianças brincarem, mas hoje não pode, eles fecham. É triste. Antes essas guaritas, esses portões fechados, não tinha isso. Era livre acesso. Meu filho já é grande, mas imagina uma mãe que tem cinco crianças e ganha um salário mínimo, para sair com todas as crianças? Aqui já teve criança atropelada brincando, porque não tem onde ficar, as ruas são pequenas. Então, antes, a gente ia na USP, levava balde de água para as crianças se molharem, jogar bola, sem carro passando. A gente ficou muito triste, proibiram de domingo.

– Com o muro diminuíram muito a gente. No começo foi muito difícil. Dá uma sensação de estar presa. Porque antes a gente era livre, pegava as crianças, levava para lá, ia empinar pipa. Parece que estamos encarcerados, porque antes a gente considerava a USP da gente.

A cabeleireira diz não fazer ideia da razão para o muro ter sido construído, mas destaca que “99,9%” das pessoas que conhece na comunidade são “pessoas de bem”.

– Não tenho ideia [do motivo do muro ter sido construído] Falaram que estava tendo roubos de bicicleta lá dentro. Eu sei que teve um, mas foi provado que não foi ninguém daqui. Acho que ninguém daqui vai roubar aqui do lado, né? Mas isso eu acho, pela lógica. Mas não muda nada.

– A maioria das pessoas aqui são pessoas de bem, honestas. 99,9% das pessoas que eu conheço aqui são do bem. Conheço muita gente, que trabalha com limpeza, mãe solteira, que luta para criar os filhos, que vem aqui para ter um aluguel mais acessível. Era mais acessível, agora está quase impossível morar aqui, por conta do preço.

Apesar dos muitos pontos positivos que menciona sobre a São Remo, Andreia não ignora os problemas da região. Ela cita o “descaso” com os moradores da periferia, que muitas vezes ficam dias sem luz quando há algum problema na rede elétrica.

Ela também menciona a questão do lixo e da dificuldade de conscientizar os sãorremanos da necessidade de descartar os resíduos nos horários e locais certos, assim como muitos outros moradores da comunidade relatam.

– Se acabar uma luz aqui, a gente fica dois, três dias sem luz. O descaso nesse sentido é grande aqui. Quando eu tinha o Ian era pior, ele fazia duas ou três inalações por dia, ele precisava de oxigênio. A gente teve que fazer um cadastro na Eletropaulo para não ficar sem energia, porque era risco de vida para ele. E esse descaso é pelo lugar que a gente mora, né? Por ser favela, com certeza.

– Fica muito lixo aqui. É muita gente. Lixeiro passa aqui todo dia e não dá conta. Só não passa de domingo. É um problema que deveria ser conversado, para uma solução. Mas antes era até pior. Quando eu vim morar aqui tinha uns ratos do tamanho dos gatos. Na época teve um surto de carrapato, eles dedetizaram tudo. Eu reclamei no posto, por conta do meu filho cadeirante. Ele ficava com carrapato. Mas eles dedetizaram tudo.

A saúde é outro ponto que muitas vezes acaba sendo precário na comunidade. Andreia elogia a qualidade do atendimento do SUS, mas afirma que “a demanda é o que mata”.

– São poucos funcionários para pouca gente. O atendimento é bom, mas a demora que é difícil. Eu estou com escoliose, estou tentando fazer

uma ressonância, já faz oito meses que estou na fila. Mas a gente sabe que é por conta da demanda.

Agora, aos 55 anos, Andreia pensa em seu futuro, hábito que afirma não ter tido quando mais jovem. Apesar dos muitos altos e baixos em sua vida, deu uma boa educação para seu filho, assim como fez para muitas outras crianças. Ao concluir sua missão como mãe, pretende, em breve, se mudar para o litoral, em uma cidade onde “tudo para velho funciona”.

– Eu nunca pensei no futuro, na minha velhice, esse é um grande erro dos jovens. Quando você tem 30 anos, seu tempo é diferente de quem tem 55 anos, que é meu caso. Mas eu vivi bem, já viajei muito, conheci muitos lugares, só parei porque meu filho ficou doente. Eu era sócia de uma empresa, tinha uma casa boa, perdi tudo que eu tinha. Mas eu não reclamo da minha vida, tenho muita paz. Mas nunca pensei no futuro, se tivesse pensado minha vida seria outra. Não está ruim, mas poderia ser melhor. Mas não está ruim.

– É difícil sair daqui. Mas tem que fechar o ciclo. Daqui uns dois ou três anos eu penso em sair, quero ir para Itanhaém. Mas meu filho acho que fica, ele quer fazer medicina na USP, né.

Alternativa pra criança aprender, basta quem ensina¹

Rosângela dos Santos Costa, filha de pais adotivos, também se mudou para a São Remo um pouco mais velha, aos 21 anos de idade, para morar com o pai de seus filhos, que já era morador da comunidade na época.

Assim como Andreia, ela conta que se sentiu muito acolhida quando chegou em seu novo lar, por todos seus novos vizinhos, e relata ter tido, inclusive, um “choque cultural” com o carinho e a simpatia dos sãorremanos, que estão sempre prontos para ajudar qualquer novo morador que chegue por lá.

– Quando eu cheguei na São Remo eu tive um choque cultural, porque eu não conhecia a favela. No bairro onde eu morava era cada um no seu canto, quietinho. Podia saber um ou outro vizinho, mas eu estranhei que aqui todo mundo se conhecia, já chega abraçando, beijando. É uma coisa que não é em todo bairro que isso acontece. Geralmente é mais bom dia, boa tarde. Aqui as pessoas se abraçam, não sei se é carência ou se é da simpatia do sãorremano. Isso facilitou minha adaptação. E, como minha sogra era muito conhecida, automaticamente fui conhecendo as pessoas através dela.

– Eu tenho um amor grande pela São Remo. Nós temos nossos pontos bons e os pontos ruins. O bom é que todas as famílias se conhecem. Se não conhece um, conhece o outro, aí vai interligando e acaba que todo mundo

¹ Trecho da música “Canão foi tão bom”, de Sabotage.

se conhece. E tem uma coisa muito típica aqui da São Remo, porque, quando alguém novo chega, a gente já vê logo. E eu acho a São Remo muito solidária um com o outro, quando tem que abraçar uma causa. Por exemplo, alaga, vamos precisar de doação, aí vamos e fazemos. Essa parte acho muito legal da São Remo.

Rosângela, então, começou a atuar como educadora no projeto Alavanca. No início era um trabalho voluntário, mas que se tornou remunerado com o passar dos anos.

Como lá era seu local de trabalho, ela conta que seus três filhos também frequentaram o Alavanca quando pequenos, algo que era bom para as crianças, mas também para ela, como mãe. Como educadora, fala com orgulho dos jovens que passaram por suas mãos e, hoje, estão formados, trabalhando e construindo suas respectivas famílias.

– Como eu trabalhava no Alavanca, eles [meus filhos] frequentavam muito o Alavanca. Na época o Alavanca tinha aula de línguas, inglês, espanhol, francês e alemão, Tinha cursinho pré-vestibular, aulas de alfabetização, acompanhamento escolar. Tinha até de jornalismo, o professor Dennis que dava. Tinha oficina de formação cidadã, jogos cooperativos, tinha atividade a semana toda. De domingo uma vez por mês tinha passeios pedagógicos, era bem articulado.

– Era importante para as crianças, mas também para os pais. Nessa época não existia nenhum projeto que oferecia acompanhamento escolar. Hoje já são homens e mulheres, muitos são pais, mães, temos alunos que já se formaram em engenharia, temos enfermeiras, arquitetos, gente que cursou direito. Alguns não deram certo, infelizmente, nem gosto de falar porque é algo que me tristece.

Enquanto professora, Rosângela, ou Rô, como é conhecida na comunidade, sempre procurou expandir seu trabalho para além das matérias escolares. Mais do que as disciplinas, ela conta que sempre tentou passar a seus alunos valores que pudessem contribuir com a formação das crianças, não apenas como estudantes, mas também como pessoas e, principalmente, cidadãos.

Como resultado, muitos de seus alunos, que hoje já são pais, levam suas crianças para terem aulas com a professora, que hoje dá aulas de reforço escolar em casa – decisão que tomou para poder dar mais atenção para seus próprios filhos.

– Depois do Alavanca eu optei por trabalhar por conta. Meus filhos eram pequenos, aí eu tinha tempo de cuidar da casa e dar assistência a eles. No início era trabalho voluntário, aí depois começaram a me pagar um salário. Mas aí depois eles tiveram problemas financeiros e eu optei por trabalhar por conta em casa. Alguns alunos que passaram lá com a gente, hoje eu dou aula para os filhos deles, então eles têm aquela confiança, eles viram a importância do estudo para transformar a vida das pessoas.

– A educação é fundamental. E não é só a parte pedagógica. Às vezes um aluno fala algo que não é conveniente, eu já corrijo. Eles têm essa mania de: “Ah, pegou meu lápis, eu pego também. Aí eu já explico: “Isso é roubo, pode ser uma agulha que é roubo, hoje você pega um lápis, amanhã pega aquilo, e tenho certeza que sua mãe não te ensinou isso”. Então, tem uma parte quase materna, que eu pego eles para serem meus filhos, eu consigo passar para eles o que eu passo para os meus filhos. Tanto que, hoje, muitos que foram meus alunos e hoje são pais, eles são gratos, têm confiança. Falam assim: “Ah, Rô, vou levar ele aí para você, não estou aguentando mais”. Aí eu falo: “Não, você tem que aguentar, é seu filho” [risos].

Como boa parte dos moradores, Rosângela conta que a questão do lixo é o problema que mais a incomoda atualmente na comunidade. E, para ela, o problema maior é de educação, com a falta de conscientização das pessoas sobre a necessidade de descartar o lixo no local e no horário certo.

– É parte que eu nem gosto de falar. Mas o que mais me incomoda é a sujeira. Isso é uma coisa que a gente bate nessa tecla há anos, mas não muda na São Remo, que é a questão da higiene. É muito lixo. Antigamente a gente tinha um projeto de meio ambiente, então a gente lutava para manter as ruas limpas, para que as pessoas colocassem o lixo no dia certo. Tem uma preocupação com a educação, porque a higiene também faz parte da educação. Mas acho que falta conscientizar mais os moradores. Mas essa é uma luta grande. Estamos há anos e anos, mas não adianta.

Apesar da luta que já perdura anos para conscientizar os moradores da comunidade e da disposição de todos os sãorremanos em ajudar quem precisa, ela avalia que falta engajamento para a São Remo, para que as iniciativas e projetos sociais não se percam com o tempo.

– [Apesar dos programas sociais] Aqui também tem essa coisa de falta de engajamento. Quando começa, participa todo mundo, aí depois falta engajamento, também por falta de tempo. Às vezes temos que trabalhar a parte da formação cidadã, mas muitos que trabalham durante a semana têm as tarefas de casa. Os agentes de saúde também já tentaram fazer essa parte de conscientização.

– Mas hoje o povo já chega aqui com água, asfalto, luz. Antigamente não tinha coleta de lixo, mas acho que as pessoas se organizavam mais para não ficar tanta sujeira. Hoje em dia, como acharam quase tudo pronto, não

se preocupam. O carrinho do lixeiro passa duas vezes por dia, mas a pessoa espera o carrinho passar para colocar o lixo lá. Aí vai o cachorro e rasga e assim vai indo. É falta de consciência.

Na relação com a USP, a professora acredita que a oferta de mão de obra é o ponto com o qual a São Remo mais se beneficia a partir da proximidade geográfica com a universidade. Mesmo assim, como a grande maioria dos moradores da comunidade, acredita que a USP poderia “fazer mais”.

– Até tem vantagem, mas poderia ter mais. Muitas pessoas daqui trabalham aí na USP, ou pelo governo ou como terceirizados. Então no campo de trabalho tem essa vantagem. Mas tem tanta faculdade aí, acho que poderia abrir mais espaço. Eu, como educadora, acho que poderiam fazer mais. Tem a Psicologia, eles poderiam atender um grupo grande, porque aqui muita gente precisa de psicólogo, mas fica dependendo do SUS. E para conseguir no SUS é bem difícil. Tem a Psiquiatria também.

E, sobre o Hospital Universitário, a opinião de Rosângela também não foge do padrão já apresentado em páginas anteriores.

Ela afirma que o HU foi mais um dos pontos “retirados” da comunidade e, considerando o fato de a UBS da São Remo obviamente não dar conta de atender toda a demandas de pacientes da região, os moradores muitas vezes se veem obrigados a procurar hospitais distantes para atendimento básico ou de emergência – algo que poderia ser suprido com uma atendimento no Hospital Universitário.

– Outra coisa que foi tirada da gente, que acho muito errado, foi o Hospital Universitário. Temos um hospital aqui do lado. O posto de saúde não atende toda a demanda, também falta médico qualificado para poder

atender as demandas. Então somos encaminhados para lugares longes, distantes. Se for final de semana, você só é atendido no HU se tiver morrendo, nas últimas. Caso contrário, vai para o PS da Lapa ou o Bandeirantes.

– Acho isso um absurdo, poderia ter mais espaço, porque antes a gente utilizava o HU. Uma família que não tem condição de pegar uber, a criança adoece de madrugada, como vai para um pronto-socorro longe, sendo que a gente tem um hospital aqui do lado? Já aconteceu da minha neta adoecer. Ela teve uma infecção grave nos rins, ficou internada, teve que ficar no hospital das Crianças, em Osasco. E de madrugada. Sorte que tinha dinheiro para pegar uber, aí rezava com a outra avó para ficar com minha outra neta, para poder levar ela no hospital.

Você é o político que vai nos ajudar?¹

Ericson é outra liderança que atua no dia a dia da São Remo em busca de melhores condições de vida para a população da região. Mas, sua atuação, atualmente, se dá no campo político, área que tenta desbravar em busca de apoio para as causas sãorremanas.

Nascido no Hospital Universitário, mora na São Remo desde o primeiro minuto de vida e teve, desde muito cedo – e dentro de casa –, o exemplo da importância de lutar por melhores condições de vida para seu território.

Como o ativista conta, seu pai foi uma das primeiras lideranças da São Remo, no momento em que a comunidade, ainda muito menor do que é hoje, estava se moldando, desenvolvendo o engajamento que atualmente é visto em tantas frentes de atuação por parte dos moradores.

– Meu pai foi uma liderança na comunidade, ele atuou logo no início da comunidade, quando ela estava se moldando. Chegou a ser presidente da associação dos moradores. A parte esportiva da comunidade, muitas coisas têm a mão dele aí. Cuidou um bom tempo do campo de futebol, a quadra poliesportiva, quem trouxe o projeto para ser feito foi ele.

– Em 1994, ele pediu ajuda para o Estado, para fazer a quadra [poliesportiva], e a Secretaria da época respondeu que não poderia fazer a

¹ Trecho da música “Face Oculta”, de Trilha Sonora do Gueto.

quadra naquele momento. Mas ele, com os meios dele, com articulação política, conseguiu desenvolver esse trabalho e construiu uma quadra na São Remo.

Uma quadra, para quem olha de fora, pode até ser algo simples e corriqueiro, mas, para quem mora em uma periferia, onde são bem escassas as opções de lazer e cultura e onde as ruas estreitas e cheias de carros muitas vezes representam riscos para os jovens que tentam se aventurar em busca de qualquer divertimento, certamente é motivo de orgulho.

Para além da parte esportiva, dentro da quadra também foi construído um palco, onde os moradores da comunidade utilizam o espaço para a realização de quermesses e outros eventos culturais, que também servem como entretenimento para a população da região.

– Além da parte esportiva, como tem um palco lá dentro, ele [meu pai] fez acho que em 1996 esse palco, com isso a própria população fazia lá dentro quermesses, atividades de apresentação, ele que puxava essas pautas mais de entretenimento também. E o palco se mantém até hoje lá dentro. Foram duas pontas que ele puxou, a comunidade continuou cultivando e ainda existem.

O pai de Ericson, como ele lembra, também teve papel importante para que as ruas da comunidade fossem asfaltadas e para que o Circo Escola pudesse sair do papel. E, ao acompanhar de perto o trabalho de seu pai e aos poucos perceber a importância de cada um dos feitos para a vida na São Remo, o ativista foi aos poucos se contaminando pelo espírito de luta e conquistas.

Hoje o pai de Ericson já é falecido, mas seu filho continua carregando seu legado, se envolvendo em diversas frentes de atuação para tentar, de algum modo, melhorar a vida de sua comunidade.

– No campo de futebol ele [meu pai] foi pioneiro na comunidade, o asfalto na parte social também, o Circo Escola também. Meu pai tinha um braço muito amplo dentro da comunidade, acho que peguei um pouco disso e agora venho atuando aqui dentro.

– Hoje meu pai é falecido, não faz muito tempo, mas deixou um legado bacana. Eu vim construindo algumas coisas aos poucos, fui me envolvendo com pautas culturais, dei um apoio lá para o Dumangue, indiretamente, construí algumas melhorias na comunidade como esgoto, canalização de água e outras pautas de assistência.

Um momento de luta que Ericson lembra com orgulho foi a pandemia da Covid-19. Diante de todos os desafios que o período representou, que resultaram no isolamento social e, consequentemente, na impossibilidade de muitas pessoas exercerem suas atividades profissionais, a São Remo mais uma vez se uniu em torno da causa, viabilizando a distribuição de cestas básicas para que as famílias da comunidade pudessem atravessar o período.

Ericson, que cuidou da logística para que as cestas básicas pudessem ser entregues mensalmente para a população da comunidade, lembra orgulhoso que foram atendidas mais de três mil famílias sãorremanas em um único mês, mediante parcerias com diversas instituições. A articulação foi tão grande que foi possível, inclusive, auxiliar outras comunidades durante o período.

– Teve o censo demográfico aqui da São Remo, feito pela USP, pelo IEA. Eu fui um dos articuladores dentro da comunidade, para ajudar os alunos a andarem aqui, para poderem fazer tudo. Quando veio a pandemia, a gente conseguiu um contato do Instituto Butantan, acho que era uma parte de assistência deles. Eles perguntaram se a gente poderia apresentar o número de pessoas dentro da comunidade. E a gente tinha os números do censo, um estudo reconhecido, que estava sendo desenvolvido na USP mesmo. O estudo ainda não estava concluído, então apresentamos na época o número de 2.500 domicílios.

– Então, baseado nesse número, eles mandaram 2.500 cestas. Basicamente, conseguimos por uns seis meses essas cestas, direto, durante a pandemia. Depois eles mandaram mais uns três meses. A gente conseguiu pelo Instituto Butantan, mas conseguiu também pelo Cidade Solidária, pelo G10 Favelas, pela Porto Seguro. Para chegar nesse número de atender 3.100 domicílios em um mês, tivemos todas essas parcerias. Teve um tempo que conseguimos ajudar outras comunidades ainda, então foi uma benção, ajudou muito. Mas foi uma articulação do coletivo da São Remo, que envolvia as entidades, associações e as lideranças, para tocar esse barco. E, quando a gente votava algo, tudo tinha que ser aprovado pelo colegiado.

Mas o ativista também tenta expandir sua frente de atuação, em busca de apoio de outros setores da sociedade que estejam interessados em ajudar a comunidade. Foi assim que ele se engajou ao lado da vereadora Luna Zarattini (PT), que foi aluna da USP e hoje defende dentro da Câmara Municipal de São Paulo projetos para auxiliar a São Remo.

– Hoje em dia, faz um ano e meio, mais ou menos, estou ligado em um movimento mais político, faço até parte da assessoria da vereadora Luna Zarattini. Ela atua de verdade no nosso território aí, isso é bem legal. A gente

acaba tendo mais braço para alcançar as coisas que a gente quer fazer. O trabalho dela tem uma pegada territorial, mesmo. Então, são umas pautas que eu me identifico, sendo aqui do território.

– Eu conheci a Luna quando ela estava no movimento estudantil da USP. Me apresentaram ela, falaram que tinha uma menina legal lá, que estava se envolvendo na política, que valia a pena. Ela vem de uma família de políticos, né. Mas a ideologia que ela vinha trazendo era diferente, depois que ela ganhou ela não saiu da comunidade, isso que me surpreendeu. Ela continuou atuando aqui dentro, isso foi fazendo criar uma parceria maior. E até hoje está na mesma linha.

Através de um programa da Sabesp, Ericson conseguiu que a empresa de água e saneamento ampliasse o atendimento aos domicílios da comunidade. Mas, como ele mesmo diz, o projeto acabou sendo insuficiente e deixou “um fio solto”. Então, com a ajuda de Luna, que na época estava ingressando em seu mandato como vereadora, e de Donato, também do PT, foi possível estender o projeto, com a troca das tubulações e o recapeamento do asfalto da região.

– Eu participei do programa Se liga na Rede, pela Sabesp, onde a comunidade cresceu e a tubulação antiga não comportava mais o esgoto. Então em alguns lugares estava mais a céu aberto, mesmo. A gente conseguiu fazer com que esse projeto atendesse um percentual legal da comunidade, tanto vielas quanto as ruas principais, onde descarregava o esgoto, tirando esse esgoto da galeria fluvial. Foi um projeto muito bom que consegui encabeçar.

– Depois conseguimos através da Luna, ela estava começando como vereadora na época, então também tivemos suporte do Donato, encabeçar

uma pressão para que a Sabesp trocasse realmente a tubulação, colocando a tubulação da galeria de esgoto. Porque o que eles fizeram não estava comportando a necessidade, a gente entendeu que naquele trecho foi feito um gato. Então pressionamos a Sabesp, pressionamos também para que eles fizessem o recapeamento do asfalto. Isso aí foi direto a Luna, que conseguiu fazer com que eles garantissem o recapeamento da rua. Então, desde a Av. São Remo até próximo a associação dos moradores, a rua está toda com asfalto novo.

Ericson lembra que, antes mesmo de ingressar na Câmara Municipal de São Paulo, Luna já lutava para levar um cursinho popular pré-vestibular para a São Remo, para dar aos jovens sãorremanos a oportunidade de ingressar em uma faculdade após a conclusão do ensino médio.

Em 2023, o cursinho popular Elza Soares foi acolhido no espaço do projeto Girassol, onde conta com novas instalações para receber os alunos na sala de aula e no refeitório, com atividades presenciais.

– Quando ela estava fazendo campanha, eu estava fazendo a filmagem e brinquei, perguntando que proposta ela tinha para a São Remo. Ela falou que tentaria trazer um cursinho popular para a gente ingressar os moradores da comunidade no lugar que é de direito deles, que é a universidade. Essa fala está gravada, eu tenho até hoje. Aí, quando abriu o espaço, ela conseguiu trazer esse cursinho para a São Remo. O cursinho já está há mais um ano no Girassol, o cursinho Elza Soares.

Agora, Ericson conta com a ajuda de Luna, e de outros vereadores, para a volta do Circo Escola, para que seja possível articular um movimento capaz de romper barreiras de “burocracia” que impedem o retorno das atividades.

– Ela está atuando também pela volta do Circo Escola, que teve início antes dela virar vereadora. Ela abraçou essa causa com a gente, mas a Secretaria não quis. Ela arrumou o dinheiro e, mesmo assim, a Secretaria não quis. Eles sempre arrumam alguma desculpa para não fazer, questões burocráticas, que não tem como fazer isso, que não cobre tal tipo de reforma, é parte burocrática que eles colocam para dificultar. O

– O Circo Escola fechou porque a Prefeitura não quis renovar o contrato, simples assim, dois meses antes da pandemia. E estamos nessa luta desde lá. Por isso estamos tentando pressionar o prefeito, tem uma frente pela volta do Circo Escola que envolve vários parlamentares. O movimento pela volta do Circo é um coletivo que alguns parlamentares se envolveram, mas é uma frente popular, mesmo.

Ele luta pelo retorno do Circo por entender que projetos sociais como este fazem total diferença para os jovens da comunidade, que assim passam a ter a oportunidade de desenvolver novas habilidades e adquirir novos conhecimentos para destravar o potencial que acaba ficando “escondido” frente aos desafios de sobreviver na periferia.

– Esses projetos fazem total diferença na comunidade, têm um significado grande para mim, eu sou fruto de projeto social. Muitas vezes a gente tem mãe solo, que trabalha muito e precisa ocupar seus filhos com alguma atividade, para não ficarem na rua. E o que acaba sendo um porto seguro são esses projetos sociais, dão embasamento na formação e na criação das crianças e adolescentes. A gente sente na pele o impacto, eles ajudam de todas as formas, na educação, na família, dão disciplina, ajudam as crianças no desenvolvimento das habilidades.

– Aqui tem o Ski na Rua também, já levou as crianças e adolescentes para outros países. Meninos da São Remo já competiram nas Olimpíadas [de inverno], então isso é muito gratificante para o território. É uma potência que está escondida e esses projetos sociais que acabam dando uma alavancada, principalmente os que não têm ligação com o governo, porque quando não estão ligados com o governo não precisam seguir cartilha, aí podem desenvolver melhor a metodologia.

Engajado com a comunidade, Ericson lista uma série de vantagens de se viver na comunidade, como a boa vontade e o espírito coletivo dos moradores, que sempre se ajudam em momento de necessidade.

Ele também coloca a proximidade da São Remo com a USP como um dos pontos positivos de sua lista. No entanto, esse também é um dos pontos negativos que ele enxerga, por conta das dificuldades que a grande maioria dos sãorremanos enfrenta para poder sonhar com uma vaga na “maior universidade da América Latina”, que apesar de estar tão próxima à comunidade, está ao mesmo tempo tão distante.

– Eu sou suspeito para falar, mas a São Remo é um lugar maravilhoso, é uma potência cultural muito significativa. Temos artistas, projetos sociais, muitos moradores estão engajados dentro da comunidade, a localização é ótima, dá para ir para todos os cantos de São Paulo com a maior facilidade. Estamos próximos da maior universidade da América Latina, que é a USP. Se pelo menos 2% da comunidade entrasse na USP... É isso que deixa a desejar, é um ponto negativo, é desigual. Mas a gente acredita que um dia a comunidade vai conseguir superar esse déficit e vai conseguir entrar nesse espaço que é de direito.

– Vejo de muito positivo também o modo como a comunidade consegue se moldar e se reconstruir até nas dificuldades. Tem uma força muito grande. Ela consegue fazer o que a gente acha que não dá. Às vezes, em um desastre ou em uma necessidade, todo mundo se ajuda para chegar no objetivo de alcançar algo de melhor para a comunidade.

Essa distância, que já é tão grande e conta com tantos desafios para ser superada, acabou ficando ainda maior depois da construção do muro, na avaliação do ativista.

Ele afirma que, além da segregação entre os dois ecossistemas, o muro e as portarias de acesso acabam representado certa descriminação com os moradores, quando outras portarias do campus da universidade não apresentam o mesmo rigor que as que ficam nas entradas da São Remo.

– No meu ponto de vista, o muro foi uma forma da USP, a parte política mesmo, a parte de cima da pirâmide, Estado e tudo mais, dividir a favela e o campus. Depois foram fechando as portarias, que antes ficavam abertas para nós, e com isso fomos perdendo autonomia dentro da própria USP. Eu cresci com a USP sendo minha área de lazer, e hoje não temos acesso a um espaço que é público, mas parece privado.

– Mas a gente vai se moldando com aquilo que a gente tem, infelizmente a gente vai se acostumando. Mas a gente vê que tem uma descriminação grande. Quando eles começaram a fechar com mais rigor as portarias, de final de semana, eu fui pessoalmente na portaria da Vila Diana e entrei pelo portão sem precisar de nada. Então, para o pessoal da Vila Diana o portão está aberto, não precisa nem se identificar. Para o pessoal da comunidade o portão está fechado, porque é ordem do campus. Se fosse assim todos os portões do campus deveriam estar fechados.

Ainda assim, ele elogia a gestão de Raquel Rolnik à frente da Prefeitura do Campus da USP, por ter um “olhar muito humano para as periferias, principalmente para a parte de habitação e moradia”. Por outro lado, reconhece que muitos dos moradores da comunidade não conseguem se engajar em um movimento para recuperar as condições de acesso ao campus, porque precisam estar engajados em outra luta, contra a fome e as desigualdades.

– A população da periferia já tem tantas pautas próprias que acaba nem encabeçando outras propostas de mobilização. Tem necessidades pessoais, tem que se preocupar com filho, com aluguel. Para ter ideia, muita gente nem sabe que esse ano tem eleição. E não é porque a pessoa é desinteressada, é porque ela está mais interessada em comer, em dar algum estudo para o filho. As prioridades são outras, a realidade é tão puxada que eles não têm tempo de acompanhar esses outros temas em volta.

Um bom lugar se constrói com humildade¹

O leitor mais atento já notou que todos os capítulos deste livro usam trechos de músicas como título e, para os agradecimentos, não poderia ser diferente.

Antes de mais nada, queria agradecer a todos os moradores do Jardim da São Remo, que sempre acolheram este forasteiro da melhor maneira possível, com muito respeito, simpatia e, sobretudo, humildade.

É claro que a São Remo tem seus problemas, assim como qualquer outro lugar existente no mundo. Mas, como diria Mauro Mateus, mais conhecido como Sabotage, o primeiro passo para construir um bom lugar é ter humildade, e este é certamente um dos pontos que mais diferenciam a São Remo.

Queria deixar um agradecimento especial para todos os moradores que participaram deste livro: Reginaldo, dona Fatinha, Ericson, Carlos Dumangue, Black Nandão, Andreia, Rosangela, Adriano, Robson e todos aqueles com os quais não foi possível marcar as entrevistas, Catarina, Tica, Márcia, Gideone, Lídio e tantos outros que em algum momento do ano foram contatados por mim para que pudéssemos marcar uma conversa.

Um muito obrigado também aos professores ou pós-graduandos da USP que me auxiliaram neste projeto. Em primeiro lugar, ao professor Dennis de Oliveira, pela orientação ao longo do trabalho e por ter me apresentado a São Remo logo no primeiro semestre da graduação, mas

¹ Trecho da música “Um bom lugar”, de Sabotage.

também a Jacques Marcovitch e Ivete Rodrigues e Beatriz Bezerra Tone.

Por último, mas não menos importante, muito obrigado a todos os meus familiares, em especial minha mãe, Evelin, pelos anos de luta para que eu pudesse estudar na USP, meus avós, Jesualdo e Maria Helena, que perguntaram incontáveis vezes quando este trabalho ficaria pronto – durante todos os semestres em que adiei sua entrega –, e minha companheira e melhor amiga, Mariana, por todos os momentos ao meu lado.

Referências

Vários autores. **Censo Vizinhança USP: Características domiciliares e socioculturais do Jd. São Remo e Sem Terra.** 2020. Instituto de Estudos Avançados, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. doi:10.11606/9786587773216. Disponível em: <https://censovizinhanca.iea.usp.br/arquivos/censo-vizinhanca-jardim-sao-remo-e-sem-terra.pdf>.

BLAY, Eva Alterman; MARTINS, Heloisa H. Souza. **Favelização dos funcionários da USP.** Ciência e Cultura, 1980.

TANAKA, Marta Maria Soban. **Estudo de caso: a favela da USP.** Orientador: Professor Nestor Goulart Reis Filho. FAU USP 1991.

ROCHA, Mariana Machado. **Quando a favela é extensão da universidade:** o Programa Avizinhar em meio às relações entre a USP e a São Remo. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/D.48.2016.tde-01112016-105256. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-01112016-105256/pt-br.php>.

BRAIDO, Antenor. Especulação eleva preços de barracos a até Cr\$ 1 milhão. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 30 jan. 1983. 2º Caderno - Local - Saúde, p. 16. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=8302&anchor=4305767&o-rigem=busca&originURL=&pd=e2f4150fb04bb384265dc2def0cca537>. Acesso em: 17 ago. 2024.

HOSPITAL Universitário. **História**. ([s.d.]). Usp.br. Recuperado 3 de novembro de 2024, de <https://www.hu.usp.br/historia>

CABRAL, Otávio. Garoto é encontrado morto na USP: o estudante daniel pereira de araújo, 15, estava desaparecido desde domingo; família culpa seguranças. **Folha de S. Paulo. São Paulo**, nov. 1997. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff061101.htm>. Acesso em: 09 set. 2024.

Folha de S.Paulo - Laudo diz que estudante morreu afogado - 27/11/97. ([s.d.]). Com.br. Recuperado 3 de novembro de 2024, de <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff271101.htm>

Aproxima-Ação, U. S. P. (2013, dezembro 3). O Programa. USP Aproxima-Ação; [:pb]USP Aproxima-Ação[:en]Aproxima-Ação[:]. https://prceu.usp.br/aproximacao/?page_id=7

CARAMANTE, André. Cúmplice da morte de aluno da USP confessa e é solto. **Folha de S.Paulo**, jun. 2011. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1006201122.htm>. Acesso em: 10 set. 2024.

PRESO segundo suspeito de matar estudante em campus da USP. **O Globo**, jul. 2011. Disponível em <https://oglobo.globo.com/politica/preso-segundo-suspeito-de-matar-estudante-em-campus-da-usp-2716262>. Acesso em: 10 set. 2024.

BERGAMASCO, Daniel. “Nós todos matamos esse menino”, diz reitor da USP. **Veja SP**, São Paulo, 05 dez. 2016. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/reitor-usp-joao-grandino-rodas-entrevista>. Acesso em: 09 set. 2024.

ESTUDANTES da USP fazem protesto contra reurbanização de favela. **G1**, mar. 2012. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/estudantes-da-usp-fazem-protesto-contra-reurbanizacao-de-favela-18073779.ghtml>

paulo/noticia/2012/03/estudantes-da-usp-fazem-protesto-contra-reurbanizacao-de-favela.html. Acesso em: 10 set. 2024

PROGRAMA Avizinhar. ([s.d.]). **IPTV USP**. Recuperado em 3 de novembro de 2024, de
<https://iptv.usp.br/portal/video.action?idItem=27763>

LINHARES, Carolina. Intervenção artística no muro da São Remo busca chamar atenção para a falta de diálogo entre a USP e a sociedade. **Jornal do Campus**. São Paulo, p. 1-1. nov. 2011. Disponível em: <https://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2011/11/intervencao-artistica-no-muro-da-sao-remo-busca-chamar-atencao-para-a-falta-de-dialogo-entre-a-usp-e-a-sociedade/>. Acesso em: 15 ago. 2024.

Portal de Dados Abertos da Prefeitura de São Paulo. Disponível em: <http://dados.prefeitura.sp.gov.br/dataset/nucleo-urbanizado-da-cidade-de-sao-paulo>. Acesso em: 10 ago. 2024

BRANDÃO, Ana Mércia; EID, Gabriel. Para quem funciona o Hospital Universitário?. **Jornal do Campus**, dez. 2023. Disponível em: <https://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2023/12/para-quem-funciona-o-hospital-universitario/>. Acesso em: 15 ago. 2024

CONSTANTI, Giovana; MOLINARI, Laura. Serviço médico da Zona Oeste é sobrecarregado com desmonte do HU. Jornal do Campus, out. 2018. Disponível em: <https://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2018/10/servico-medico-da-zona-oeste-e-sobrecarregado-com-desmonte-do-hu/>. Acesso em: 10 ago. 2024.

SÃO Remo Fau USP: Diário do Movimento de Favelas Unidas do Butantã. Diário do Movimento de Favelas Unidas do Butantã. 2017. Disponível em:
<http://www.saoremo.fau.usp.br/index.php/2017/12/04/diario-do->

[movimento-de-favelas-unidas-do-butanta/](#). Acesso em: 03 jul. 2024.

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E
ARTES**

Vozes da São Remo

Um livro-reportagem que fala da história da São Remo, de seus moradores e da relação da comunidade com a Universidade de São Paulo.



**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E
ARTES**

DIEGO BANDEIRA

Vozes da São Remo

Um livro-reportagem que fala da história da São Remo, de seus moradores e da relação da comunidade com a Universidade de São Paulo.

**SÃO PAULO -
SP 2024**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E
ARTES
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO

DIEGO BANDEIRA

Vozes da São Remo

Um livro-reportagem que fala da história da São Remo, de seus moradores e, claro, da relação da comunidade com a Universidade de São Paulo.

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Comunicação Social, com Habilitação em Jornalismo, apresentado ao Departamento de Jornalismo e Editoração.

Orientação: Prof. Dr. Dennis de Oliveira

São Paulo -
SP 2024

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

RESUMO

O Jardim São Remo tem sua formação intrinsecamente ligada à história da Universidade de São Paulo. Mas, apesar de esses dois ecossistemas distintos serem tão próximos geograficamente e historicamente, são também muito distantes em diversos aspectos. O objetivo deste trabalho, um livro-reportagem de 129 páginas, como sugere seu título, é dar voz aos moradores da comunidade, trazendo suas histórias de vida, pontos de vista e reivindicações sobre temas diversos – passando também, é claro, pela história da própria comunidade, para que esse contexto possa dar cor aos relatos dos moradores. Além disso, este trabalho também pretende abordar a relação da São Remo com a USP ao longo dos anos, que sempre passou por muitos altos e baixos, mas até hoje apresenta problemas e conflitos – mas que podem ser resolvidos, ou pelo menos amenizados, com diálogo e boa vontade.

Palavras-chave: Jardim São Remo; São Remo; Universidade de São Paulo; USP; favela; comunidade; cidade universitária.

ABSTRACT

The history of Jardim São Remo is intrinsically linked to the history of the University of São Paulo. But, despite these two distinct ecosystems being so close geographically and historically, they are also very distant in several aspects. The objective of this work, a 129-page report book, as its title suggests, is to give a voice to the community's residents, presenting their life stories, points of view and demands on various topics – after telling, of course, the story of the community, so that this context can color the residents' reports. Furthermore, this work also intends to address the relationship between São Remo and USP over the years, which has always gone through many ups and downs, but to this day presents problems and conflicts – which can be resolved, or at least alleviated, with dialogue and goodwill.

Keywords: Jardim São Remo; São Remo; University of São Paulo; USP; slum.

1. INTRODUÇÃO	8
2. OBJETIVO	9
3. METODOLOGIA	10
4. PERSONAGENS	13
5. JUSTIFICATIVA	15
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	16
7. REFERÊNCIAS	17

1. INTRODUÇÃO

Uma das principais teorias da comunicação foi proposta por Roman Jakobson (1896–1982). De acordo com o linguista, para que a comunicação possa ocorrer, é preciso que um emissor envie uma mensagem a um receptor, dentro de um contexto e através de um determinado tipo de código e canal. Mas, o objetivo deste trabalho não é ser teórico, muito pelo contrário, é ser o mais prático e factual possível. Ou seja, simplificando de modo reduzido a teoria de Jakobson, para que a comunicação aconteça, de fato, é necessário que alguém emita uma mensagem, mas também é imperativo que alguém esteja do outro lado, disposto a receber a mensagem emitida – caso contrário, a cadeia será quebrada e o conteúdo será perdido.

Desse modo, cabe a reflexão sobre quantas milhares de pessoas passam todos os dias pela Cidade Universitária Armando Salles de Oliveira, que sedia o nobre campus da Universidade de São Paulo, sem saber o que acontece do outro lado do muro que acompanha a Avenida Professor Ernesto de Moraes Leme, entre o Hospital Universitário e a Prefeitura do Campus do Butantã, região que abriga outras milhares de pessoas, mas em realidade completamente distinta.

Assim como sugere o título deste livro – que faz referência ao livro *Vozes De Tchernóbil*, de Svetlana Alexievich –, o objetivo aqui é dar voz aos moradores da favela da São Remo, região paradoxalmente tão próxima e, ao mesmo tempo, tão distante da Universidade de São Paulo, trazendo suas histórias de vida, pontos de vista e reivindicações sobre temas diversos.

Para isso, antes seria preciso contar também a história da própria comunidade – que, em síntese, se mistura com a história da própria USP –, e também da relação entre estes dois ecossistemas tão complexos e tão distintos, para que fosse possível conhecer um pouco mais a fundo o Jardim São Remo e as entrevistas com os moradores pudessem ser compreendidas em sua totalidade.

Ao longo deste livro, também foram usados trechos de músicas de hip hop, gênero que se mistura com as periferias brasileiras e tem como eixo central de suas letras muitos dos temas que aqui foram abordados.

2. OBJETIVO

Contar a história da São Remo, explorar a relação entre a comunidade e a Universidade de São Paulo ao longo dos anos e, principalmente, dar voz aos moradores da região, trazendo suas histórias de vida, pontos de vista e reivindicações sobre temas cotidianos.

3. METODOLOGIA

A produção do livro-reportagem se dividiu em algumas frentes: pesquisa teórica, pesquisa de campo, entrevistas, redação e formatação.

Diante da complexidade do tema, antes de qualquer coisa tive que me debruçar em uma pesquisa minuciosas para compreender de forma adequada a história da São Remo, seu processo de formação e até mesmo a história da própria Universidade de São Paulo, que em alguns momentos acaba se misturando com a da comunidade

Para isso, foram analisados materiais bibliográficos produzidos na USP, sites institucionais da universidade e notícias de jornais e revistas diversos – com destaque, obviamente, para uma grande quantidade de matérias publicadas no Notícias do Jardim São Remo ao longo dos anos, com a finalidade de compreender melhor os problemas que mais afetam a São Remo e as principais dificuldades e reivindicações dos moradores, que foram usados como ponto de partida antes de uma pesquisa *in loco*.

Depois de ter a teoria mapeada, foi a hora de ir a campo para, em primeiro lugar, me ambientar com a comunidade, mas, principalmente, para ver com meus próprios olhos aspectos que foram compreendidos na etapa anterior do trabalho, de pesquisa teórica.

Nesta fase, também aproveitei meu deslocamento pela comunidade para registrar fotos de temas que considerei relevantes, muitas das quais foram incluídas no livro-reportagem.

Na sequência, foi hora de contatar as fontes para o agendamento das entrevistas. Ao todo, conversei com 13 pessoas para a produção deste trabalho, sendo nove moradores da São Remo, um guarda universitário, dois professores da USP e um pós-graduando.

Esta certamente foi a etapa que trouxe mais desafios para o projeto. Por conta de minha rotina de trabalho – que ultimamente está bem intensa – e da distância que existe entre minha residência e a universidade, marcar as entrevistas entre segunda e sexta-feira não era uma opção viável para mim. Isso, obviamente, acabou limitando os dias possíveis para que as entrevistas fossem marcadas.

O processo foi ainda mais dificultado pela rotina intensa e desafiadora dos moradores da comunidade, muitos dos quais trabalham aos finais de semana ou utilizam sábado e domingo para desenvolver atividades que não conseguem entre segunda e sexta.

Mesmo quando superada esta etapa, tomei alguns “bolos” de moradores da comunidade e, inclusive, de uma professora da universidade. Em quatro ocasiões, marquei entrevistas com as fontes, me desloquei por quase duas horas para chegar à São Remo e, após longos períodos de espera, as fontes apenas não apareceram no local combinado – sem dar qualquer tipo de aviso e sem retornar as mensagens ou ligações no dia da entrevista.

Como forma de me prevenir, considerando a distância de minha casa até a São Remo, nunca marcava apenas uma entrevista no mesmo dia, no sentido de que, se alguém desmarcasse de última hora, a “viagem” não teria sido perdida. Mesmo assim, as experiências mencionadas acima, que foram se repetindo ao longo do semestre, acabaram sendo frustrantes, de certo modo.

A partir disso, passei a dar a opção de realizar algumas das entrevistas por telefone, com os moradores com os quais estava enfrentando maior dificuldade para encontrar um dia ou horário disponível em comum.

Ainda assim, mesmo com a opção de realizar as conversas via telefone, não foi possível marcar entrevistas com muitos moradores. Foram mais de dez pessoas com as quais troquei mensagens periodicamente na tentativa de encontrar um dia e horário para a realização da conversa, mas não foi possível.

Uma moradora, inclusive, mostrando sua disposição em ajudar, pediu para que eu enviasse as perguntas pelo WhatsApp, e disse que responderia assim que possível. Eu mandei as perguntas e sugeri que as respostas fossem dadas em áudio, para tomar menos tempo da fonte. Mesmo assim, foram cerca de três meses sem novas respostas, quando me dei por vencido e percebi que não seria possível realizar a entrevista com ela.

Isso sem citar as fontes que me foram passadas e nunca chegaram a responder qualquer uma das mensagens enviadas.

Mesmo com as dificuldades mencionadas, acho que consegui um número relevante de fontes, todas elas muito importantes para a produção do livro.

Com todas as entrevistas realizadas e decupadas, foi a hora de dar início à redação do livro, etapa na qual, obviamente, novas pesquisas foram feitas para dar suporte ao texto.

Minha intenção era dividir o livro em dois eixos centrais. O primeiro, no qual conto a história da comunidade, e o segundo, no qual trago as “vozes da São Remo”.

Com o texto pronto, restou apenas a formatação do trabalho e a criação de uma capa para o livro, que pudesse traduzir a ideia central do projeto em apenas uma imagem, resultado com o qual também fiquei satisfeito.

4. PERSONAGENS

Como mencionado acima, realizei um total de 13 entrevistas para a produção deste livro. Deste grupo, nove são moradores da São Remo.

A primeira entrevista, com Reginaldo, uma das lideranças da comunidade, foi utilizada para que eu pudesse me ambientar com a São Remo, pudesse pegar algumas informações importantes, o contato de fontes relevantes e pudesse dar início ao processo de constatação dos principais aspectos e características da região.

A partir de então, conversei com Carlos Dumangue, Ericson, Fatinha, Black Nandão, Andreia, Rosangela, Adriano e Robson. Cada um me chamou a atenção por um motivo diferente, levando em conta as respectivas particularidades e atuações de cada um deles dentro da São Remo. Todos tiveram suas histórias e pontos de vista contados em um capítulo específico do livro, onde ficam claros alguns dos aspectos mencionados na primeira parte do livro, onde a história da comunidade é contada.

Apesar de suas particularidades, muitos dos relatos acabam sendo parecidos em alguns temas específicos.

As avaliações negativas a respeito do muro que separa a USP e a São Remo e das portarias de acesso são praticamente unâimes entre os moradores da comunidade. Todos também constatam que, de fato, houve um afastamento entre a população da São Remo e a USP, quando comparam essa relação em décadas anteriores, em que todos os moradores da região frequentavam o campus diariamente, com os últimos anos, quando problemas são registrados para este acesso – algo que, para muitos moradores, acaba “desestimulando” a vontade de atravessar o muro.

As reclamações também são constantes a respeito do Hospital Universitário, que antes atendia a comunidade com destaque, e do Circo Escola, que fez a diferença na formação de muitos moradores que hoje já são adultos, mas que não podem contar com o projeto para a educação de suas crianças.

Muitos moradores ainda notam que hoje há um interesse maior de alunos ou professores da USP pela situação da comunidade, mas ainda assim é sentida a falta de um interesse “institucional” e mais articulado da Universidade de São Paulo com

os moradores da São Remo.

Enquanto ouvia as muitas reivindicações que os moradores faziam com relação ao muro e às portarias de acesso, achei relevante ter o ponto de vista de alguém da guarda universitária, que também vivencia esse processo todos os dias, mas obviamente em lugar de fala diametralmente oposto ao dos moradores.

Mas esse também foi um objetivo difícil de se concretizar. Tentei falar com diversos guardas nas duas portarias de acesso da São Remo, mas todos eram unâimes em negar a conversa, cada um apresentando um motivo – muitos deles bem duvidosos e questionáveis – para não conceder a entrevista.

Uma das guardas, inclusive, quando percebeu o que eu queria, alegou que não conseguia me ouvir através do vidro da guarita, por maior o esforço que eu fizesse para me comunicar. Em suas respostas, ela também fazia apenas gestos e mímicas, ao passo que a interpretação de sua fala se deu apenas através de leitura labial. No entanto, eu já havia conversado com outros guardas dessa forma, e todos conseguiram me ouvir, assim como eu também consegui ouvir suas respostas.

Alguns diziam que a empresa na qual trabalham, a Albatroz, não permitia entrevistas, outros pareciam intimidados ou desconfiados com as minhas intenções e prontamente se negavam, mesmo comigo repetindo diversas vezes que seus nomes não seriam publicados. Um deles até aceitou a proposta, mas concedeu uma entrevista bem rápida e protocolar, com respostas em sua maioria monossilábicas.

Do lado da USP, conversei com o ex-reitor da universidade, Jacques Marcovitch, com a professora Ivete Rodrigues, que atua na captação de recursos do Alavanca, e com a pós-graduanda Beatriz Bezerra Tone, que participa do escritório de projetos da FAU na São Remo. Todos, certamente, me passaram visões de muita utilidade para a conclusão deste trabalho.

Além disso, as conversas com o professor Dennis também me auxiliaram muito ao longo do semestre, com informações, indicações de fontes e na tomada de decisões para que o livro pudesse cumprir com seu objetivo.

5. JUSTIFICATIVA

A ideia do trabalho surgiu logo no primeiro ano da graduação. No segundo semestre daquele ano, depois que eu já havia encerrado minha participação no jornal Notícias do Jardim São Remo, um outro professor do CJE, durante uma aula, trouxe um exemplo de livro-reportagem, feito em outra faculdade, em que a história de uma comunidade vizinha daquela universidade era contada por um aluno em seu TCC.

Na mesma hora tive certeza que o meu trabalho de conclusão de curso seria um livro-reportagem falando sobre a São Remo.

Sempre fui interessado em pautas sociais e vi neste trabalho a possibilidade de discutir uma relação entre duas comunidades vizinhas que certamente poderia ser melhor.

Como sugere o título deste livro – que faz referência ao livro Vozes De Tchernóbil, de Svetlana Alexievich –, o objetivo aqui é dar voz aos moradores da São Remo, trazendo seus pontos de vista e principais reivindicações sobre temas diversos.

Acredito que, quanto mais pessoas na USP souberem da realidade das pessoas que moram do outro lado do muro e falarem sobre o tema, as barreiras e o preconceito entre os dois grupos sociais podem ir diminuindo, assim como mais alunos e professores podem se utilizar de todo conhecimento científico produzido todos os dias na Universidade de São Paulo para, de algum modo, cada um em sua respectiva área de especialidade, ajudar a São Remo em algum aspecto.

O objetivo final é fazer com que essa relação não se dê apenas através de iniciativas individuais de alunos e professores, mas possa se tornar algo institucional e mais organizado. Mas, até lá, certamente serão essas iniciativas individuais que podem nos conduzir a esse processo.

Também aproveitei o tema central deste trabalho para utilizar frases de músicas de hip hop para dar nome aos capítulos do livro-reportagem, dada a proximidade entre este gênero musical e as periferias de São Paulo, frases que em poucas palavras acabam traduzindo os temas que são discutidos a cada capítulo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É claro que a São Remo tem seus problemas, assim como qualquer outro lugar existente no mundo. Mas, também possui muitas características individuais que a diferenciam de outras regiões.

É impossível deixar de mencionar a simpatia e a receptividade que a grande maioria dos moradores da região demonstraram para mim ao longo dos meses de entrevistas e pesquisas.

Ouvindo os relatos dos moradores, também fica claro que alguns pontos são praticamente unâimes entre todos aqueles que vivem na São Remo, como as dificuldades existentes para que possam frequentar o campus da universidade novamente ou a precarização dos atendimentos no Hospital Universitário, por exemplo.

São pautas que, obviamente, são caras aos moradores da comunidade. Mas, como muitos relatam, a intensa rotina de trabalho e os desafios constantes para sobreviver com dignidade em uma região precária, acabam por, muitas vezes, impossibilitar que se engajem em outras frentes.

Então, uma vez que a partir das “vozes da São Remo”, nós, membros da universidade, tomamos conhecimento dessas reivindicações, não custa exercer um olhar mais atento para tentar melhorar a oferta de serviços da própria universidade para essa comunidade vizinha, que tem sua história de formação intimamente ligada à USP.

7. REFERÊNCIAS

Vários autores. **Censo Vizinhança USP**: Características domiciliares e socioculturais do Jd. São Remo e Sem Terra. 2020. Instituto de Estudos Avançados, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. doi:10.11606/9786587773216. Disponível em: <https://censovizinhanca.iea.usp.br/arquivos/censo-vizinhanca-usp-jardim-sao-remo-e-sem-terra.pdf>.

BLAY, Eva Alterman; MARTINS, Heloisa H. Souza. **Favelização dos funcionários da USP**. Ciência e Cultura, 1980.

TANAKA, Marta Maria Soban. **Estudo de caso: a favela da USP**. Orientador: Professor Nestor Goulart Reis Filho. FAU USP 1991.

BLAY, Eva Alterman; MARTINS, Heloisa H. Souza. **Favelização dos funcionários da USP**. Ciência e Cultura, 1980.

ROCHA, Mariana Machado. **Quando a favela é extensão da universidade**: o Programa Avizinhar em meio às relações entre a USP e a São Remo. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/D.48.2016.tde-01112016-105256. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-01112016-105256/pt-br.php>.

BRAIDO, Antenor. Especulação eleva preços de barracos a até Cr\$ 1 milhão. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 30 jan. 1983. 2º Caderno - Local - Saúde, p. 16. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=8302&anchor=4305767&o-rigem=busca&originURL=&pd=e2f4150fb04bb384265dc2def0cca537>. Acesso em: 17 ago. 2024.

HOSPITAL Universitário. **História**. ([s.d.]). Usp.br. Recuperado 3 de novembro de 2024, de <https://www.hu.usp.br/historia>

CABRAL, Otávio. Garoto é encontrado morto na USP: o estudante daniel pereira de araújo, 15, estava desaparecido desde domingo; família culpa seguranças. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, nov. 1997. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff061101.htm>. Acesso em: 09 set. 2024.

Folha de S.Paulo - Laudo diz que estudante morreu afogado - 27/11/97. ([s.d.]). Com.br. Recuperado 3 de novembro de 2024, de <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff271101.htm>

Aproxima-Ação, U. S. P. (2013, dezembro 3). O Programa. USP Aproxima-Ação; [:pb]USP Aproxima-Ação[:en]Aproxima-Ação[:].
https://prceu.usp.br/aproximacao/?page_id=7

CARAMANTE, André. Cúmplice da morte de aluno da USP confessa e é solto. **Folha de S.Paulo**, jun. 2011. Disponível em:
<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1006201122.htm>. Acesso em: 10 set. 2024.

PRESO segundo suspeito de matar estudante em campus da USP. **O Globo**, jul. 2011. Disponível em
<https://oglobo.globo.com/politica/preso-segundo-suspeito-de-matar-estudante-em-campus-da-usp-2716262>. Acesso em: 10 set. 2024.

BERGAMASCO, Daniel. “Nós todos matamos esse menino”, diz reitor da USP. **Veja SP**, São Paulo, 05 dez. 2016. Disponível em:
<https://vejasp.abril.com.br/cidades/reitor-usp-joao-grandino-rodas-entrevista>. Acesso em: 09 set. 2024.

ESTUDANTES da USP fazem protesto contra reurbanização de favela. **G1**, mar. 2012. Disponível em:
<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2012/03/estudantes-da-usp-fazem-protesto-contra-reurbanizacao-de-favela.html>. Acesso em: 10 set. 2024

PROGRAMA Avizinhar. ([s.d.]). **IPTV USP**. Recuperado em 3 de novembro de 2024, de <https://iptv.usp.br/portal/video.action?idItem=27763>

LINHARES, Carolina. Intervenção artística no muro da São Remo busca chamar atenção para a falta de diálogo entre a USP e a sociedade. **Jornal do Campus**. São Paulo, p. 1-1. nov. 2011. Disponível em:
<https://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2011/11/intervencao-artistica-no-muro-da-sao-remo-busca-chamar-atencao-para-a-falta-de-dialogo-entre-a-usp-e-a-sociedade/>. Acesso em: 15 ago. 2024.

Portal de Dados Abertos da Prefeitura de São Paulo. Disponível em:
<http://dados.prefeitura.sp.gov.br/dataset/nucleo-urbanizado-da-cidade-de-sao-paulo>. Acesso em: 10 ago. 2024

BRANDÃO, Ana Mércia; EID, Gabriel. Para quem funciona o Hospital Universitário?. **Jornal do Campus**, dez. 2023. Disponível em:
<https://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2023/12/para-quem-funciona-o-hospital-universitario/>. Acesso em: 15 ago. 2024

CONSTANTI, Giovana; MOLINARI, Laura. Serviço médico da Zona Oeste é sobrecarregado com desmonte do HU. **Jornal do Campus**, out. 2018. Disponível em:
<https://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2018/10/servico-medico-da-zona-oeste-e-sobre-carregado-com-desmonte-do-hu/>. Acesso em: 10 ago. 2024.

Diário do Movimento de Favelas Unidas do Butantã. 2017. Disponível em:
<http://www.saoremo.fau.usp.br/index.php/2017/12/04/diario-do-movimento-de-favelas-unidas-do-butanta/>. Acesso em: 03 jul. 2024.